Agências e quadros público-privados.

Mesas redondas: Indústria, governo, ONGs. Compostas por membros nomeados (geralmente pelo executivo) e membros não-nomeados, de vários sectores: indústria, governo, ONGs, etc.

Financiamento governamental e privado. Podem receber fundos da autoridade governamental, mas também de bancos, empresas e fundações privadas.

Autonomia de decisão e acção. Têm independência de tomada de decisão, autonomia de decisão. Ou seja, podem decidir e fazer o que querem, desde que reportem os seus actos às entidades legislativa e executiva.

Apresentadas como públicas mas, em verdade, público-privadas. Por exemplo, com Câmaras de Comércio "nacionais" [privadas], truque retórico para enganar público, fazendo a organização parecer ser um departamento governamental.

Estado neo-feudal privatizado – VIDEO

WATT – Estado como instrumento para gerir população.

Estado como instrumento da minoria dominante, para gerir população.

(***AW – FOTR, 5:28***) O estado é apenas um instrumento da minoria dominante, que usa a economia para gerir o povo.

Elististas muito arrogantes e despreocupados com população, doutrinada.

(***AWsa – 12:00***) To be honest, they are so arrogant right now, that they're not worried about the mass of the population, who are indoctrinated and updated.

WATT – Estado funciona como um abusador, um big daddy.

Aparece inicialmente para resolver problemas, geralmente causados por si mesmo.

Cultiva dependência, por forma a controlar a vítima, o abusado.

A solidariedade familiar, inter-pares é quebrada – há que repô-la.

(***AWsa – 57:00***) O estado funciona como um abusador. O abusador aparece inicialmente para resolver problemas, geralmente provocados pelas acções do próprio abusador. (***58:00***) Chegamos até ao ponto em que mesmo familiares não se ajudam. Esperam que o abusador, o estado, resolva as questões por eles. (***58:40***) O objectivo do estado é controlar a vítima, o abusado. (***59:05***) É isso que acontece, o estado toma conta das vidas das pessoas e passa a mandar nelas, e elas ficam dependentes dele, e não das suas famílias. Portanto, há que contrariar isso e voltar a ter envolvimento nas vidas das pessoas que são próximas, recriar comunidades reais. (***55:30***) Portanto temos de voltar a comunicar.

"If we're waiting for a big daddy to come along, we'll just get shafted".

alan watt - we're waiting for a big daddy to come along (We're gullible, but we're also willingfully gullible. We want a human being, a big daddy, to come along and make everything right for us. And as long as we believe that, we'll always basically get shafted)

RUSSELL MEANS – Dependência estatal, sustentabilidade.

Russell Means – "Dependência estatal significa pobreza e muito papel".

Dependência do governo é um ciclo interminável de pobreza.

Saúde estatal dá-nos a mais baixa esperança de vida do planeta.

O governo manda na nossa terra, por forma que não possamos mexer-lhe.

You're dependent on the government, you try to get away, they'll kill you, or jail you.

You're the new American Indians, welcome to the club.

(**RM – 1:32:00**) Quando se está dependente do estado, acaba-se com muita pobreza, e com muito papel. Temos saúde estatal, a nossa expectativa de vida é a mais baixa do mundo. Vocês não querem o estado a tomar conta de vocês. A nossa terra é detida em trust pelo estado, para que não possamos receber empréstimos, ou abrir negócios. It's a neverending cycle of poverty, dependence on the government. So America's no different from this Indian reservation. You're dependent on the government now and you got what you deserved. You try to get away from the government, they'll kill you, or put you in prison. Because you're the new American Indians. Congratulations, welcome to the club.

RUSSELL MEANS – A América é agora uma reserva.

Vocês perderam raciocínio crítico e abdicaram de liberdade.

Um povo que não está disposto a defender os seus direitos individuais.

Os vossos líderes esqueceram-se de vocês, bem vindos à reserva.

Quando pessoas toleram usurpação de direitos individuais, império torna-se opressivo.

Vocês já não têm privacidade, nem protecções.

"How does it feel to live in a reservation".

(***RM – 4:30***) Geração após geração tornaram-se menos livres. Perderam a capacidade de raciocínio crítico. É incompreensível deixar as vossas liberdades irem-se embora década após década, ano após ano.

(***RM – 1:05:00***) Um povo que não está disposto a fazer nada para defender os seus direitos individuais.

(***RM – 21:15***) Os vossos líderes esqueceram-se de vocês, portanto bem vindos à reserva.

(***RM – 10:25***) Foi provado de império para império que, quando as pessoas toleram a usurpação dos seus direitos individuais, é aí que o império cresce e se torna opressivo ("*...and couldn't care less"*). (RM – 11:40) Vocês já não têm privacidade, nem protecções. "*I could be a smart ass and say, how does it feel? Because I know how it feels to live in a reservation*".

RUSSELL MEANS – "They wanna control everything".

O homem no topo tem medo, é por isso que tem exércitos e polícia.

As plantas venenosas não têm amigos, só terreno estéril à volta.

(***RM – 25:30***) They wanna control everything. When you're at the top of a pyramid, you want control. Whether you're a CEO, a President, or whatever, é precário, porque há pessoas a subir e querem tomar conta. O homem no topo, portanto, tem medo. É por isso que têm exércitos e polícia. (***RM – 1:21:30***) As plantas venenosas não têm amigos, só terreno estéril à volta. Ao passo que todas as outras têm amigos e cooperam entre si.

VON CAMPE – O estado totalitário neo-nazi.

Intenção é controlar e gerar dependência – usam tudo para ganhar poder – totalitários.

(***HVC – 17:50***) "They want to control the people, make the people dependent on them"

(***HVC – 57:10***) Tudo o que o estado faz, eu sou contra. Usam tudo para ganhar poder. Essa é a táctica dos totalitários.

Alemanha Nazi está a repetir-se hoje em dia – até atmosfera é a mesma.

(***HVC – 42:20***) O que aconteceu na Alemanha nazi é fundamentalmente aquilo que está a acontecer hoje em dia.

(***HVC – 50:50***) Até se sente a mesma atmosfera que sob os nazis – quando as pessoas se tornam inseguras sobre o seu próprio estado.

CAF – Estado privatizado a assumir controlo sobre vida sócio-económica.

Profissionais são regulados para servir estado, e não cliente.

Aí, vida sócio-económica é realinhada para servir corporações, e não indivíduo.

(***CAF – 54:30***) Relação paciente-médico. A obrigação do médico é salvar a vida do paciente, independentemente dos custos. Quando se alteram as regulações governamentais para supraceder essa regra, está-se a cortar radicalmente o poder dos cidadãos na sociedade (no que refere a tomar decisões informadas sobre a própria saúde). Os profissionais (saúde, contabilidade, etc) estão todos a ter os seus esquemas regulatórios no sentido de servir o estado, e não o cliente. O que acontece aí é que toda a vida económica e social pode ser reenginereed no sentido de servir as corporações, e não o indivíduo.

Rep. Duncan – Estado grande destrói classe média.

Estado grande só é bom a destruir classe média e a criar miséria, em prol de elitistas.

john j duncan - big govt wipes out middle class (estado grande só é bom a destruir a classe média e a criar pobreza e miséria, em prol de uns poucos elitistas no topo)

DELINGPOLE – "A ameaça já não é externa, agora é doméstica".

O problema já não são os SS20 da URSS.

Agora, temos de travar guerra de ideias pelos direitos do indivíduo, contra estatismo.

Delingpole – liberty vs. big govt big business People don't realize it's happening. There's no evil soviet empire trying to point its SS20s at us anymore. Actually what's happened now is that we're fighting a guerrilla war of ideas for the right of the individual to enjoy his liberty versus big government which wants to take our liberty away from us.

FALSO PARADIGMA DIREITA-ESQUERDA

A real batalha é entre liberdade individual e o estado feudal absoluto. O mundo intelectual está preso na falsa batalha entre esquerda e direita, quando a real batalha é entre a liberdade individual e o poder absoluto do estado feudalista.

Informação controlada, de esquerda e de direita.

<u>A história de fadas da esquerda e a história de fadas da direita</u>. No Ocidente, a escolha é basicamente entre informação controlada "orientada à esquerda" e informação controlada "orientada à direita". O conflito entre os dois agrupamentos controlados mantém um aparente conflito informacional vivo.

<u>Omissão e neutralização de tudo o resto</u>. Os factos que não se alinham em nenhuma das orientações são convenientemente esquecidos. Os livros que não se ajustam a nenhum dos campos podem ser efectivamente neutralizados, porque vão incorrer na ira tanto de esquerda como de direita. Em resumo, qualquer publicação que aponta para a falácia da dicotomia Esquerda-Direita é ignorada.

A ilusão de esquerda-direita mantém a prisão invisível – ausência de escolha. É possível criar pessoas desde nascença dentro de uma prisão, e depois ter duas tendências: uma que acredita que o menu deve incluir mais carne, e outra que acredita que deve incluir mais peixe. Depois, haveria eleições. Tudo isto daria uma certa aparência de liberdade a quem não soubesse que se estava a falar de um ambiente controlado. E, quem apontasse que se estava a falar de uma prisão, seria atacado pelas duas facções.

Dialéctica esquerda-direita reproduz relações filho-pais. A dialéctica esquerda-direita reproduz a dinâmica de uma criança com os seus pais. [Isto pode reproduzir a relação de uma criança com os seus pais] Quando o pai é demasiado exigente, foge para os braços da mãe. Quando a mãe se torna demasiado sufocante e controladora, a criança foge de volta para os braços do pai. Isso é normal quando se é criança, mas à medida que a pessoa cresce é suposto parar.

Whitney, Morgan e a utilização dialéctica dos partidos.

O establishment acredita em usar os partidos à vez. O establishment acredita que todos os partidos devem ser usados à vez para cumprir dados objectivos.

A estratégia dialéctica de Whitney e Morgan. William Whitney criou uma estratégia política consistindo em dar largas somas de dinheiro a ambos os partidos políticos, e depois alternar o poder, de modo a que o público pensasse que tinha uma escolha, quando ambos os partidos eram na prática controlados pela elite bancária. *As diferenças seriam pontuais e essencialmente restritas a questões de estilo*. Por exemplo, a esquerda venderia um dado programa de dada maneira, e a direita fa-lo-ia de outra maneira, mas no final do dia, o que interessava é que ambas adoptavam o mesmo programa. JP Morgan e William C. Whitney tinham os seus homens em todos os partidos e movimentos políticos e usavam esses grupos para os seus próprios objectivos.

CUDDY – “Left-right, Whitney, Throw the rascals out”.

cuddy3 – left-right, whitney, throw the rascals out (estas elites não se interessam por direita ou esquerda – constroem pessoas, usam-nas para cumprir alguma função, e quando já não são úteis, organizam alguma revolução ou assim – a contribuição de whitney foi a de propor financiar ambos os partidos, de modo a que o publico ignorante pense que tem uma escolha mas não a tem – quigley adorava isso, já que seria possível 'to throw the rascals out' sem mudar nada de relevo – portanto, muitas destas pessoas são marionetas que são autorizadas, e que sabem quem é o patrão)

Brzezinski e a ‘New Left’. Brzezinski (Between Two Ages) falou de como a esquerda radical era apoiada por governos, para trazer mudanças sociais desejadas:

“*The longrun historic function of the militant New Left depends largely on the circumstances in which it will eventually either fade or be suppressed. Though itself ideologically barren and politically futile, it might serve as an additional spur to social change, accelerating some reforms*.”

VÍDEOS.

AARON RUSSO – “Os banqueiros compraram a estrutura política”.

(**AR – 22:20**) O que aconteceu foi que os banqueiros tomaram conta do panorama político. Deixou de interessar qual o partido eleito. (**AR – 1:04:10**) Portanto, asseguraram controlo sobre ambos os partidos; quem ganha as eleições é quem é nomeado para o fazer, e quem recebe financiamento eleitoral para assegurar que a vitória é efectivamente atingida.

(**AR – 38:10**) Quem faz o dinheiro, faz as regras, e foi isso que Rothschild disse. Porque é que pagamos a estes banqueiros para criar dinheiro, quando o estado pode fazê-lo por si próprio, sem juros, e sem dívida? E essa é uma pergunta que nenhum político vai colocar. Portanto, os banqueiros compram políticos, metem-nos em dívida, estabelecem voto electrónico (que é fraude), fazem-nos tudo o que querem.

(**AR – 57:30**) EU – os votos não interessam. Eles fazem aquilo que querem. É a agenda deles, são os planos deles.

AJ – "Vamos olhar para além das marionetas".

[***em interconexão com os pontos feitos por Russo, atrás***]

(**AJ – 1:05:20**) Vamos olhar para além das marionetas, para o puppetmaster – voltar para uma cultura de liberdade vs tirania, em vez desta diversão de esquerda vs direita.

AJ – "The casino director and the mobsters who run it all".

(**AJ4 – 5:30**) It's like a lot of Las Vegas casinos, they'll have some casino director, the public face, but then behind it it's the mobsters owning it. It's the same elementary system of the power behind the throne.

MAX KEISER – "There is no choice, just rent to the rentseeker".

Max Keiser – left-right paradigm - rent to the rentseeker **(FOTR)** (MK) The left-right paradigm is taken directly from the commercial world. In the corporate world you've got duopolies. And a duopoly gives you the illusion of there being some competition and some choice. It looks a bit better than a monopoly. So, in communist russia, if they had communist russia red and communist russia chartreusse, there would have been the illusion of choice, and something akin to democracy, but they simply said forget it, we're just gonna go with red. There is no choice, there's only one choice, it's just to supply more rent to the rentseekers, that have now taken the whole system hostage.

TARPLEY – "You're either fighting the banksters or being used".

(**WT – 53:30**) A regra básica da política é a de que, ou se está a combater os banqueiros, ou se está a ser usado. A regra elementar é a de que Wall Street é, e sempre foi o inimigo. O próprio governo é um campo de batalha, onde o povo confronta, ou deveria confrontar, o poder excessivo de Wall Street.

RUSSELL MEANS – "Não existe escolha real – Obama".

(**RM – 1:11:00**) Eleições. É inacreditável que não tenham escolha e não se apercebam disso.

(**RM – 1:11:20**) Obama. Mentiras e mais mentiras. Prometeu mudança, e não houve qualquer mudança.

WATT – "Lenine e as mil direcções possíveis".

(**AWnewh – 50:30**) Lenine: existem 1000 direcções e sistemas sob os quais o público poderia viver, mas é importante que o público não saiba disso; é importante que aceitem o sistema que é criado para eles, e pensem que é o único que pode funcionar. E é verdade, somos mantidos num sistema de esquerda/direita, e contidos nesse tipo de sistema. Nunca lhes ocorre que a humanidade já viveu no passado sob muitos tipos diferentes de sistemas e, como Lenine disse, é importante que o público não saiba que o sistema foi desenhado para eles, e que pensem que é o único sistema que poderia ter evoluído no seu tempo de vida.

WATT – "Jogo de ténis esquerda-direita-esquerda".

(**AWnewh – 51:50**) Vota-se num partido quando se está farto do último, como um jogo de ténis, esquerda-direita-esquerda-direita. Entretanto estamos a ser guiados o tempo todo numa direcção. A democracia é apenas um instrumento da elite para conter o público, geri-lo, e guiá-lo por um caminho que está fora de qualquer democracia.

CHUCK BALDWIN – "Two wings of the same bird of prey".

(**CB – 45:10**) "It's really not a left/right battle" (13:40) "They're two wings of the same bird of prey"

Oligarquia – VIDEO

RUSSO – Para oligarcas, democracia é irrelevante, fazem o que querem.

<u>“Os votos não interessam... you become a slave to the these people”</u>

(**AR – 25:30**) "*...and you become a slave, a serf to these people, that's their goal*"

(**AR – 57:30**) EU – os votos não interessam. Eles fazem aquilo que querem. É a agenda deles, são os planos deles.

TARPLEY – “The mentality of oligarchy”.

<u>A mentalidade da oligarquia não muda</u>.

<u>Define-se como elite por relação a uma massa, sem espaço para classe média</u>.

<u>Portanto, têm sempre de justificar domínio – mas são geralmente medíocres</u>.

<u>Para justificar um princípio irracional de dominação, desumanizam massas</u>.

<u>Que são bestas ignorantes, animais, inferiores, etc</u>.

(**WT2 – 28:10**) The mentality of oligarchy does not change. (**WT2 – 29:05**) The mentality of oligarchy always depends on the idea that there's an elite and a mass. No room for a middle class or anything else in between. So, the elite has to justify itself, based on what? Why should they rule? Are they better, are they smarter, are they more efficient? They're probably none of those things, they're probably inferior, in many ways. So they've got to find other ways to justify what is an irrational principle of domination. So oligarchs generally find ways to argue that the mass of people are inferior, that their lifes aren't worth living, and indeed that they're closer to animals than they are to the elite. So, whenever you have an oligarchical elite, they're always going to try to portray the masses as ignorant beasts, inferior, or whatever else it is.

TARPLEY – “Oligarchy, mob rule, single-ruler tyranny”.

<u>A mentalidade da oligarquia não muda</u>.

<u>Ter um tirano é um problema, poder de massa é outro</u>.

<u>Mas o que costuma surgir é a lei de ferro dos “poucos”, a oligarquia</u>.

<u>O único propósito da oligarquia é a perpetuação de poder</u>.

Ao passo que com um tirano pode haver um projecto, com uma massa, um objectivo.

É possível persuadir um tirano a mudar de ideias, mas isso é mais difícil com oligarcas.

(**WT2 – 28:10**) The mentality of oligarchy does not change. (**WT2 – 28:30**) The problem you have, is if you have the dictatorship of the one, that is a clearcut problem. If you have the spontaneous mob of the many, that's a problem that people can also recognize. But what you tend to have in human civilization is the rule of the few, the oligarchy, the iron law of oligarchy. The purpose of an oligarchy is really only one thing. A tyrant can have a project, a mob can have a goal, but oligarchy is there to do one thing, to perpetuate itself, and give it more power. (**WT2 – 31:15**) If you have a tyrant, you can convince the tyrant to change policy, it can be done. But to change an oligarchy is harder because you've got to convince so many of them, and you create instant opposition.

TARPLEY – Temos uma classe governante incompetente e destrutiva.

Classe governante insana e incompetente de banqueiros e políticos.

O tipo de gente que destrói países e civilizações.

(**WT – 57:20**) Temos uma classe governante, de banqueiros e políticos, composta por gente insana e incompetente. É o tipo de classe governante que destrói países e civilizações.

TARPLEY – "Fitzgerald e Hemingway" – Destruição oligárquica da civilização.

"Um mundo totalmente diferente, quando se é um oligarca".

"Valores que são o oposto de valores humanos".

"Se oligarcas continuarem a dominar, a destruição da civilização está a meras décadas".

tarpley – F. Scott Fitzgerald e Hemingway (18:30) (F. Scott Fitzgerald uma vez disse a Hemingway, os ricos são diferentes de nós, e Hemingway disse, sim têm mais dinheiro, e F.S.F. respondeu, não, é algo muito mais profundo, é um mundo totalmente diferente, quando se é um oligarca, um Rockefeller, algo deste género. Significa que se está num mundo completamente diferente, com valores que são o oposto de valores humanos. Agora, se os oligarcas continuarem a dominar, a destruição da civilização mundial está a meras décadas, no máximo. Portanto, escolham)

Oligarquismo

<u>I. O carácter das estruturas oligárquicas</u>

Oligarquia, elite, vanguarda.

<u>Um grupo organizado exerce poder supremo e tirânico sobre toda a sociedade</u>. A ideia essencial de oligarquia é tão antiga como a própria humanidade. É a ideia de que um grupo específico e organizado de pessoas está melhor preparado, ou é mais qualificado, que a pessoa comum, para exercer poder sobre a sociedade e sobre todas as vidas que a habitam. Uma oligarquia é sempre entendida como tendo poderes tirânicos, colectivamente exercidos e partilhados entre os seus membros. Um tirano é um autocrata individual (e.g., um monarca absoluto). Uma oligarquia exerce o poder de um tirano, mas exerce-o em grupo, é um trabalho de equipa.

<u>Várias denominações diferentes: aristocracia, vanguarda, etc</u>. Uma oligarquia pode surgir sob inúmeras denominações diferentes. Nalgumas sociedades, pode ser a classe *baronil*. Noutras, pode ser uma *elite* – plutocrática, política, científica, clerical, e por aí fora. Noutras ainda, pode ser uma *aristocracia*. Noutras, pode ser uma *vanguarda* (sob socialismo, comunismo e fascismo – as ideologias que ascendem da Prússia totalitária).

<u>A vanguarda (de esquerda) é tão ou mais brutal que qualquer outra oligarquia</u>. Existe o preconceito de que uma vanguarda de esquerda é uma entidade diferente de todas as outras oligarquias que antes surgiram – de algum modo, mais humana, simpática, progressista. Esse preconceito implica desconhecimento dos conceitos e práticas do Socialismo. Como Marx e Lenin disseram, a vanguarda é a entidade que surge de um ou outro segmento da *burguesia* (e não do proletariado), para ensinar ao proletariado como obter o paraíso na Terra. Para isso, tem de assumir as rédeas da sociedade, assumir o controlo brutal da sociedade (através da *ditadura do proletariado*, na prática, a *ditadura da vanguarda*) e geri-la com pulso de ferro (por vezes, com uma luva de veludo a tapar o pulso de ferro), por forma a impor coercivamente a mudança de todas as condições sociais existentes, sobre todas as classes, o que inclui o proletariado. Foi Lukácz quem descreveu melhor o processo, ao descrevê-lo como o acto pelo qual a "vanguarda do proletariado" *purga* o proletariado de todos os seus vícios bourgeois – uma atrocidade de cada vez. Os autores do Socialismo Inglês (como John Ruskin, HG Wells ou George Bernard Shaw) também descreveram bem a natureza da vanguarda Socialista, quando a descreveram como uma nova forma de aristocracia (os "Red Tories"), que teria, por "necessidade", de ser mais brutal e

desumana que qualquer outra forma anterior de aristocracia. A história dos séculos 20 e 21 (neste século, a "vanguarda Red Tory" converte-se em "vanguarda comunitária") está aqui para o provar.

Uma oligarquia é um grupo consensual, reduzido ao mínimo denominador comum.

Uma oligarquia não é apenas um grupo de pessoas poderosas. O conceito de oligarquia costuma ser associado a riqueza; uma oligarquia é um grupo de pessoas ricas e poderosas que exercem poder sobre as massas abaixo. Isto é um erro.

Uma oligarquia é um grupo consensual. Uma oligarquia é algo mais que isso. É um conjunto organizado de pessoas assumindo a estrutura da irmandade/sororia. A estrutura de organização é determinante: não é uma democracia, não é uma tirania, não é uma anarquia; é uma organização consensual. O princípio organizador é sempre o consenso que é atingido entre os membros, vistos como iguais entre si, "irmãos".

Consensualidade é a redução ao Mínimo Denominador Comum (MDC). Um consenso é sempre baseado no encontrar de pontos comuns entre os participantes; o resultado final do processo é a homeostase grupal num mínimo denominador comum (MDC), de crenças, valores, comportamentos – aquilo que todos temos em comum. Aquilo que todos temos em comum não é a nossa honestidade, bondade, sabedoria, sentimentos humanitários. Pelo contrário, aquilo que todos os seres humanos têm em comum entre si são predicados como egoísmo, hipocrisia, viciosidade, agressão, oportunismo, preguiça. Se transferirmos isto para uma estrutura colectiva, o que encontramos é um grupo radicado em mediocridade emocional, moral, comportamental, intelectual – e este é o padrão histórico habitual das oligarquias e dos grupos e sociedades consensuais.

Grupo consensual (no MDC): Mediocridade moral, intelectual, comportamental.

Capricho, arbitrariedade, egoísmo de grupo – a dinâmica do buraco negro. O grupo consensual, oligárquico, pratica egoísmo de grupo, tanto no campo epistemológico como no domínio material: a realidade em torno tem de se adaptar aos seus caprichos. São estes caprichos que definem o que é verdadeiro, bom e correcto, e é para corresponder a estes caprichos que toda a realidade material em volta tem de ser alterada, manietada. O grupo consensual funciona sempre como um buraco negro: absorve e suga tudo o que pode no mundo em redor.

Disciplina interna, policiamento mútuo, paranóia e falsidade interpessoal. É um grupo que exige disciplina interna; quebrar as regras do consenso é uma das únicas proibições em qualquer meio deste género. Qualquer membro individual sabe que vai sofrer um pesado castigo, se quebrar as regras consensuais do grupo; e sabe que os outros membros vão policiar o seu cumprimento destas regras. Da mesma forma, sente-se compelido a participar nesse

policiamento, uma vez que isso faz parte das regras do consenso. O facto de todos os membros do grupo saberem disto gera uma forma de prisão invisível, na qual todos estão acorrentados a todos os outros; todos os membros policiam os restantes membros e todos os membros se auto-policiam para assegurar que não cometem "erros" sociais. Ambientes oligárquicos são sempre, consequentemente, ambientes caracterizados por falsidade interpessoal e paranóia.

Emoções baixas, estagnação intelectual, corrupção moral. A redução ao MDC colectivo implica mediocridade moral e emocional (jocosidade, maldade, mesquinhez, falsidade, cobardia, cinismo, são os factores dominantes), e intelectual (não existe espaço para novas ideias e soluções, fora do espectro restritivo do consenso).

Mediocridade é o standard histórico em sistemas consensuais. Todos estes aspectos são os factores dominantes em qualquer clique ou sociedade consensual, ao longo da história humana – desde a velha Babilónia até à sociedade medieval europeia, até aos sistemas colectivistas dos séculos 20 e 21.

A mentalidade consensual oligárquica odeia e teme pessoas capazes e morais.

Oligarquias, grupos consensuais arbitrários que exigem universalização da sua mediocridade. As estruturas sociais oligárquicas, grupos consensuais alicerçados no emprego grupo-cêntrico e arbitrário de poder são, por norma, cronicamente medíocres, uma consequência do processo (inevitável sob consensualidade integrativa) de redução a um mínimo denominador comum de estagnação intelectual, criativa, moral, emocional. Os membros do grupo oligárquico são conformistas e seguidistas mas, sendo oligarcas, precisam de acreditar que são inerentemente "superiores" a todos os "inferiores" sobre os quais exercem poder arbitrário. É dessa forma que verificamos que, ao longo da história, um padrão comum com oligarcas é o de que esperam, exigem, que o homem comum ***nunca*** pense de forma sequer vagamente racional. Ter opiniões próprias, pensamento independente, ser criativo e engenhoso, aceder a princípios conceptuais superiores; tudo isso é inaceitável sob despotismo oligárquico. Na prática, tudo o que a oligarquia faz é contaminar o resto da sociedade com a sua própria essência de pequenez mental, estagnação, mediocridade.

Mente consensual odeia e teme pessoas morais e capazes, precisa de as humilhar, derrubar. Por norma, as oligarquias odeiam e temem pessoas capazes e dão-se a esforços absurdos e inumanos para as derrubar, para as reduzir ao seu próprio nível, no que é um bom testemunho do *pathos* oligárquico. O indivíduo moral e capaz é alguém que a mente consensual e estagnada do oligarca vê, *by default*, como sendo "arrogante", "petulante", alguém que está numa forma de "pedestal", pelo simples motivo de não ser tão medíocre como o próprio oligarca. Tal como a criança imatura pode sentir a necessidade de desfazer um castelo de areia alheio, na praia, o oligarca sente a necessidade intrínseca de derrubar o indivíduo de tal "pedestal"; é uma expressão de vandalismo pulsional. É isso que um oligarca quer expressar (mas não consegue) quando diz que

a pessoa tem de ser tornada "humilde", que é "orgulhosa"; o que está a dizer, em trejeitos embargados, é que o seu próprio orgulho, o seu próprio ego, é agravado pela existência de alguém que é capaz e moral (algo que o oligarca não consegue ser e ao qual não consegue dar resposta), e que esse alguém tem de ser *humilhado* (não tornado "humilde"), derrubado, trazido ao nível pestilento do *nós* oligárquico. Aqui, existe sempre um espírito que clama, "*porque não te juntas a nós, aqui nos confins do abismo?*"

<u>Oligarquias disseminam sempre obscurantismo, cooptação e evisceração de virtude</u>. Uma oligarquia é, por norma, uma estrutura social profundamente medíocre que, porém, precisa de afirmar a sua "superioridade inerente", a sua "virtude". Isto deixa-a em *doublebind*, num mundo onde existem inúmeras pessoas que são infinitamente mais inteligentes e capazes que o oligarca médio. À falta de auto-melhoramento (oligarcas são preguiçosos e incapazes), o que acontece é a repressão geral de intelecto. Da mesma forma, prosseguem uma política geral de obscurantismo. Tudo aquilo que é límpido, claro, passível de elevar o homem comum a um nível de entendimento superior tem de ser suprimido, obscurecido, cooptado, manchado. Isto não acontece tanto por calculismo (a ideia de preservar poder à custa da ignorância alheia) como pela própria inaptidão endémica da oligarquia, que é (e sabe ser) incapaz de estar ao nível de clareza, limpidez e elevação. O oligarca médio vive num pântano mental e é uma questão de orgulho manchar e distorcer todas aquelas coisas às quais não consegue *corresponder*.

As oligarquias precisam de fazer show off de força.

<u>Oligarquias só conseguem obter respeito por show offs: intimidação, terrorismo</u>. A única forma pela qual uma oligarquia (como qualquer outro grupo consensual), consegue fazer valer a sua posição, no final do dia, é por show off de força e de brutalidade. Isto pode ser pela ameaça ou pela concretização de violência. Estamos no domínio de intimidação e de terrorismo – comportamento criminoso. O princípio é similar ao do gang de rua. Um tal agrupamento é composto por pessoas medíocres, estagnadas, pueris, que não conseguiriam obter respeito, muito menos fazer valer qualquer posição, por meio de uma forma racional. Não existe racionalidade, muito menos a capacidade para a colocar em prática. Tal grupo tem, por força, de recorrer a intimidação e a execução de violência.

<u>"São eles que têm a faca e o queijo na mão" – persuadir o adversário de derrota inevitável</u>. Tudo isto é bem expresso por um dos ditos que é típico em sociedades oligárquicas, "*são eles [oligarquia] que têm a faca e o queijo na mão*". Existe sempre uma ou outra versão deste tipo de afirmação, sob oligarquia. O que tudo isso significa é que nem sequer vale a pena pensar em lutar contra a oligarquia; são "eles" que mandam em tudo, *totalmente*. A isto chama-se guerra psicológica; persuadir o adversário (público) que está derrotado à partida e que tem de se calar e de se conformar. Este tipo de afirmação, de dito, é sempre disseminado de modo *deliberado*,

uma forma de guerra psicológica preventiva. Sit down, shut up and be quiet, we'll take ***good*** care of you [a exclamação do violador], é o propósito de tudo isto.

Na verdade, a oligarquia ameaça com uma faca para obter o queijo [poder] do público. É claro que toda a ideia da faca e do queijo está no mais puro domínio da chicanaria. O que acontece é que a oligarquia tem uma faca na mão, mas não tem o queijo. O queijo é o *poder* que o público lhe concede quando acredita em *nonsense*; e cede à oligarquia. Tudo o que a oligarquia faz aqui é ameaçar com uma faca, de forma a poder roubar o queijo ao público. Enquanto o faz, alega que já tem o queijo na mão. A formulação correcta em tudo isto é algo como, "*eu quero esse queijo e portanto estou a apontar-te uma faca, mas já tenho o queijo na mão portanto nem vale a pena que lutes de volta*" – o tipo de funcionamento dissociativo que é típico à mentalidade consensual.

A ideia é espetar o queijo na cara do elemento criminoso, tirar-lhe a faca, prendê-lo. O que pessoas capazes e morais fazem, perante tal criminalidade é, muito naturalmente, espetar o queijo nas trombas de tal sujeito, tirar-lhe a faca para não magoar ninguém; depois, prendê-lo e deitar fora a chave. É assim que se faz, esta é a postura que tem de ser assumida, um indivíduo de cada vez, é assim que uma sociedade se pode livrar do princípio pernicioso de oligarquia.

O "outro" é sempre um objecto de exploração sado-masoquista.

A psicodinâmica colectiva do grupo consensual é sado-masoquista – dialéctica mestre/escravo. O grupo consensual apresenta uma dinâmica tipicamente sado-masoquística, baseada em dominação. No grupo consensual, todos os membros dominam e todos são dominados, e aprendem a ver o mundo por essa óptica. Ou se domina ou se é dominado. Ou se escraviza ou se é escravizado. Ou se mata ou se morre. Portanto, o mundo exterior é visto como um mundo de "superiores" e "inferiores" ao grupo. O seio do grupo, por outro lado, é o centro de um universo dialéctico. Aí, domina-se e escraviza-se (todos os outros membros) e é-se dominado e escravizado (por todos os outros membros). Do mesmo modo, *mata-se* (a identidade pessoal dos outros membros) e *morre-se* (abdica-se de identidade pessoal em nome de aceitação colectiva). O self individual morre para ser absorvido pelo self sintético do grupo.

Sob oligarquismo, o "outro" é distorcidamente perspectivado sob Eros e Tanatos. Todos aqueles que estão de fora do grupo oligárquico são vistos como alvos de uma forma ou outra de exploração. Por um lado, essa exploração surge como um objecto de prazer (Eros), por outro, como uma forma de exercer destrutividade (Tanatos).

Os "inferiores".

Escravos, serventes, recursos. Os que são vistos como inferiores, são encarados como isso mesmo, criaturas abjectas a explorar e a abusar pelo simples motivo de terem menos poder do que o grupo (Tanatos). Por exemplo, com uma oligarquia imperial/feudal, o que temos é que as

massas abaixo vão ser vistas como gado humano, um grande pool de escravos, reais ou potenciais [e, também, recursos, recursos humanos, activos humanos, capital humano], súbditos e propriedade, para ser treinada, usada, abusada, instrumentalizada.

Necessidade de mythos narcísico para racionalizar exploração e abuso de "inferiores". Uma vez que qualquer grupo consensual sente a necessidade de racionalizar os seus próprios defeitos, para apresentar uma face limpa de virtuosismo e graciosidade, a oligarquia vai invariavelmente produzir um mythos que justifique esse domínio: regra geral, passa por apresentar estes inferiores como classes carentes e infantilizadas, que nunca conseguiriam singrar no mundo por si mesmas e precisam, portanto, de uma classe guardiã, fiduciária da sua estabilidade e segurança; em troca pelos serviços prestados, essa classe tem o direito, até o dever, de disciplinar as massas por meio de trabalho árduo, austeridade, e de extrair os seus "modestos" rendimentos do trabalho assim produzido. Tem o direito de as usar como objecto do seu próprio gratificação e, até, entretenimento (Eros).

O mythos é uma fraude que se torna aceite como profecia auto-confirmatória. Estes mythos são sempre falsificações inventadas por grupos sociopáticos num ou noutro ponto da história; surgem em parte como falsificações mas, em parte, é comum que o grupo originador acredite realmente no mythos (tem de acreditar, se quiser realmente crer no virtuosismo que atacha a si mesmo, e isso regra geral acontece, dado o irracionalismo e o narcisismo colectivo que caracterizam os grupos consensuais). Em breve, o mythos torna-se numa instituição e passa a ser ensinado às novas gerações de continuadores da oligarquia como facto inquestionável. De resto, Platão mencionou este método na organização de uma oligarquia: a "classe de ouro", oligárquica, tem de ter um mythos justificativo, uma "mentira nobre" (quando usa o termo "nobre", Platão está apenas a reforçar o seu próprio pendor para a mentira), e esse mythos é depois perpetuado geração após geração, sem que possa haver qualquer espaço para criticismo e questionamento.

<u>Os "superiores"</u>.

Liliput ama e teme Gulliver. Aqueles que são vistos pelo grupo oligárquico como superiores são sempre vistos de forma dúplice. Por um lado são alvos de admiração. Por outro, de raiva, ódio, inveja e despeito. O grupo consensual apresenta uma dinâmica tipicamente sado-masoquística (baseada em dominação – no grupo consensual, todos os membros dominam e todos são dominados, e aprendem a ver o mundo por essa óptica). Portanto, aquele que é visto como "superior", por este ou por aquele motivo, é encarado como uma força dominadora sobre o grupo. Isso desperta reacções ambíguas. Por um lado, existe admiração, até formas pervertidas de amor e devoção, pelo(s) sujeito(s) (Eros). Por outro lado, existe a necessidade sentida de dominar o dominador, puxá-lo ao nível inferior do grupo, e isto é acompanhado de sentimentos de ódio, inveja, agressão (Tanatos).

A corte do tirano: um homem nu com uma faca no bolso. É fácil observar este modo de agir, pensar e sentir ao longo da história humana, e.g., em qualquer corte imperial ou em qualquer quadro executivo. Estejamos a falar do imperador-tirano ou do CEO de sucesso, a sua oligarquia de suporte, quando existe, é sempre a entidade na qual o sujeito mais pode confiar, e na qual menos pode confiar – em simultâneo. A adulação contínua, por muito sincera que seja (e geralmente é sincera), não é uma compensação pela probabilidade igualmente contínua de um complot. Stalin sabia o que estava a fazer, quando purgava continuamente os topos da sua oligarquia de suporte (no PCUS, no NKVD e na administração de estado) e, por perto, deixava apenas indivíduos tão solitários como ele próprio (Molotov é, aqui, o melhor dos exemplos).

O doublethink narcísico do sistema oligárquico – virtude, graciosidade, doublethink.

<u>[A graciosidade de Miss Piggy a rodopiar em cascas de banana numa loja da Vista Alegre]</u>.

<u>A oligarquia é uma estrutura caracterizada por mediocridade geral</u>. A oligarquia em si, como qualquer outro grupo consensual, é uma entidade caracterizada por degeneração intelectual, moral e comportamental. Funciona de modo medíocre: o seu standard habitual é mesquinhez, rebaixamento, degradação, maus sentimentos, egoísmo grupal.

<u>Uma oligarquia procura sempre *provar* o seu virtuosismo, pela inversão da realidade</u>. Porém, a assumpção da sua própria mediocridade é regra geral, evitada; o grupo oligárquico/consensual vai tentar distorcer e inverter a realidade por forma a provar que é virtuoso, clarividente, gracioso.

Demoniza os virtuosos. Uma das consequências desse mecanismo é a de devotar ódio e procurar demonizar todos aqueles que são de facto virtuosos; algo a que até Aristóteles aludiu, no seu "Política".

Dissemina degeneração moral para auto-confirmar profecia de degeneração universal. Outra consequência é a de que vai tentar *provar* que todos os outros grupos humanos são degenerados em todos os pontos. Quando isso não acontece à partida (e regra geral é este o caso, porque é preciso bastante decadência individual para cair ao nível do oligarca médio), é preciso espalhar degeneração moral, para concretizar e auto-confirmar esta profecia.

Provas auto-confirmatórias legitimam necessidade de "disciplinar os inferiores". Isso, por sua vez, vai justificar a imposição de mais "disciplina" sobre as "crianças", na forma de um conjunto artificial de standards de "virtude". Regra geral, são standards relacionados com as outras medidas "disciplinárias": por exemplo, ligados a eficiência laboral ou a espírito comunal. Estes standards visam sempre (mesmo que inconscientemente) apertar ainda mais as amarras dos "inferiores" ao domínio dos mestres oligárquicos.

<u>A coerência disciplinária da oligaquia: Augusto, a distorção de Cícero e os bordéis de Bórgia</u>.

Augusto é coerente mas distorce Cícero com o seu utilitarismo pretoriano. Muitas vezes, esses standards artificiosos são cumpridos pelos próprios oligarcas, que levam a sua própria criação a peito: um bom exemplo disto é a casta imperial oligárquica de Augusto, que leva a sério a *virtu* que Octávio tenta impor à populaça de Roma. Algo que pretendia cooptar a imagem e o ethos do "bom cidadão republicano", tipificados por Cícero, mas de uma forma terrivelmente distorcida, autoritária, instrumental. A virtude não consegue ser imitada, apenas adoptada.

Bórgia e o dízimo da hortelã. Mas, mais frequentemente, a classe oligárquica sabe que esses standards são peças de teatro convenientes, um mero truque de magia colectivo para obter mais poder, e não os cumprem; mas, em público, cumprem sempre o seu papel na peça de teatro. Isto é um caso recorrente ao longo da história humana, em todos os domínios. Um exemplo particularmente extremo é o do reinado papal dos Bórgia, a era em que secções inteiras do Vaticano são convertidas em bordéis, enquanto as ruas das cidades-estado papais são dominadas por grupos de sociopatas dominicanos, que queimavam pessoas por "não pagarem o dízimo da hortelã", como poderíamos colocar esta questão.

A micro-gestão do animal funcional – Arbitrariedade e racionalizações académicas.

Oligarquias racionalizam a sua própria arbitrariedade com protecção das "crianças"... O oligarca típico sente a necessidade de racionalizar o seu exercício arbitrário de poder sobre aqueles que são seus "inferiores". Regra geral, são invocados motivos de "bem comum", "segurança", "salvaguardar o futuro dos súbditos", universalmente representados como crianças desprotegidas que precisam de "protecção". Essa é uma protecção que sai sempre cara; o *payoff* é tirania e escravatura.

...mas o propósito de poder arbitrário é obter mais poder arbitrário. É raro encontrar um oligarca honesto, i.e., que esteja disposto a assumir que o único propósito do poder arbitrário é o de obter mais poder arbitrário, *ad infinitum*.

"Vamos proteger-te de nós próprios". Uma excepção notável a esta desonestidade endémica são algumas estruturas oligárquicas que operam em crime organizado (como a Cosa Nostra), que levam bastante a sério o jogo de ideias, "vamos proteger-te de nós próprios".

Infantilização dos denizens requer respeitabilidade académica. Seja como for, esta infantilização do ser humano "dependente", o servo do regime oligárquico, exige o surgimento de correlatos filosóficos e antropológicos. E aí não é difícil encontrar exemplos, de Aristóteles a Hobbes, dos escribas egípcios da Antiguidade aos cientistas biossociais dos séculos 20/21, como BF Skinner ou Konrad Lorenz.

"Criaturas lineares que buscam prazer e fogem da dor precisam de ser micro-geridas". O quadro geral que sempre aparece nestes exercícios é uma representação do ser humano como um mero

animal, motivado apenas pela procura de prazer e pelo evitamento da dor, incapaz de alcançar níveis de actividade acima destes patamares. Na inexistência do sistema oligárquico (de alguma forma, mais virtuoso e clarividente que esta norma brutalizada), tais criaturas encetariam uma guerra social de todos contra todos, uma selva humana, onde animais humanos competiriam ferozmente entre si para tirar vantagem sobre uns sobre os outros. Portanto, é necessário ordenar as vidas destas criaturas bestializadas, mantê-las sob estrito controlo, e incutir-lhes disciplina (regra geral, formatação cultural e alguma forma de regimentação e escravatura sócio-laboral). Estes pedaços de carne e nervos podem depois ser usados para fazer trabalho a troco de recompensas (prazer) e, quando se desviam da norma desejada, ser punidos (dor). Esta visão pessimista e linear da vida humana é bastante conveniente para uma oligarquia.

A dialéctica mestre-escravo [Hegel, Dostoevsky e a Agenda 21/ONU].

Hegel e a dialéctica mestre-escravo na espiral histórica.

A história avança serpenteante, e tem três etapas, todas elas mediterrânicas. No século 19, GW Hegel explicou a sua dialéctica histórica, expressiva do tipo de desígnios que os establishments aristocráticos europeus tinham em mente para o processo de consolidação imperial do planeta, hoje em dia conhecido como globalização. Na sua dialéctica histórica, Hegel usa uma visão voluntariamente deturpada da história humana, centrando-se apenas no Mediterrâneo. Mas isso pouco interessa: Hegel queria exibir uma agenda política e ideológica e deturpou a história para se ajustar a essa exibição, como é costume entre pseudo-pensadores dialécticos. Seja como for, Hegel fala-nos pela óptica da distribuição de poder social. Assim, diz-nos, a história evolui como uma espiral (ou uma Serpente), a três níveis. No primeiro nível, Antiguidade, o poder está concentrado num tirano. Este tirano é o mestre de uma sociedade onde todos são seus escravos. Isto leva Hegel a uma questão essencial: existe um choque, uma relação dialéctica, entre mestre e escravos, e como resolver essa questão? O segundo nível começa a avançar no sentido da "resolução" disso: oligarquia restrita, característica da era feudal. Ou seja, existe um grupo de "irmãos" que domina e controla toda a sociedade; os poucos vs os muitos, os mestres versus os escravos. Depois avançamos para o terceiro nível, no que, hoje, poderíamos chamar a pós-modernidade, onde Hegel deseja ver uma sociedade onde exista o domínio dos muitos, e onde todos sejam iguais entre si. À partida, tudo isto parece ser muito bem, mas com pensadores dialécticos estamos sempre a lidar com escorpiões venenosos; avançam com um suave afagar de patas para espetar o veneno letal logo a seguir.

O escorpião dialéctico coopta linguagem constitucional para injectar veneno totalitário. No caso, o suave afagar de patas é a cooptação de linguagem constitucional, liberal e democrática. O espetar de veneno vem quando Hegel nos diz que, neste domínio dos muitos, onde todos são iguais entre si, continua a haver a dialéctica mestre-escravo. Como é que é resolvida? Bom, todos são mestres, e todos são escravos: uma sociedade sado-masoquista. Por um lado, cada qual é um

tirano: narcísico, auto-centrado, medíocre. Por outro lado, é um escravo a todos os outros: ou seja, faz tudo o que quiseres, desde que seja autorizado pelo consenso da comunidade. O modo como Hegel materializa isto é na forma do estado totalitário neo-feudal, onde todos são comissários, agentes políticos, espiões, exploradores egocêntricos do próximo; ao mesmo tempo, todos são igualmente usados, espiados, explorados.

Hegel faz parte da reacção anti-modernista. Hegel meramente reitera, sob uma nova (e demasiado complexa) linguagem os desígnios da corrente geral de reacção contra as reformas constitucionais, liberais e democráticas que estavam a ganhar supremacia na Europa após a Guerra Revolucionária das Colónias americanas.

Alienar população de liberdade, vender colectivismo – de Saint-Simon a Hegel a Marx. Essa reacção começou por ser encabeçada pelos Restauracionistas Católicos, foi depois adoptada por tranches muito significativas da aristocracia europeia (com os britânicos à cabeça, o "cercle" do Conde de Saint-Simon em França, e os ideólogos a soldo Junker na Prússia/Alemanha, como Fichte ou o próprio Hegel). O objectivo era parar a torrente de reformas e impor ideologias sintéticas que alienassem a população das novas tendências libertárias e as reconduzissem de volta a colectivismo regimentado. Isto acabou por ter a sua maior expressão num seguidor de Hegel, Saint-Simon e David Ricardo: Karl Marx.

Dostoevsky, Shigalov e a redução ao mínimo denominador comum. Como é que uma organização social onde todos são mestres e todos são escravos pode ser imposta? A resposta já tinha sido encontrada na altura em que Fyodor Dostoevsky escreve "Os Possuídos". Nesta obra, o ideólogo ficcional Shigalov (uma mistura entre Marx e Nechaev) "descobre" igualdade, e isso é precisamente o estado em que todos são mestres e escravos. Para assegurar isso, diz-nos Shigalov, basta que todos sejam reduzidos ao mesmo estado de igual mediocridade, e mantidos na mais abjecta estagnação moral e intelectual através de consenso. Todos são reduzidos ao mínimo denominador comum, e amarrados a esse estado pelos nós invisíveis que os unem entre si – o princípio básico de organização sob consenso. Se conduzirmos esse processo até ao seu extremo, toda a sociedade tem de ser organizada em "grupos consensuais", nenhum indivíduo pode ser "left behind" (todos são colectivizados na mentalidade consensual, a bem ou a mal), e esse é um dos objectivos expressos dos processo de engenharia psicossocial incluídos na Agenda 21 ONU, sob comunitarismo, o paradigma sócio-relacional para o século 21.

Re-engenharia psicossocial humana, sob comunitarismo, A21: pressão e choques psicossociais. As técnicas psicossociais usadas sob comunitarismo visam o uso de pressão social e choques psicológicos para obter consensualização, integração coerciva em colectivos, e reengenharia de crenças, valores e comportamentos (i.e., lavagem cerebral). A base para estas técnicas é o trabalho que foi conduzido por instituições como Tavistock (Londres) ou os NTL (EUA), e por indivíduos como Kurt Lewin ou Edgar Schein – e, por sua vez, estes esforços foram largamente baseados no trabalho realizado por psicólogos comunistas com prisioneiros de guerra americanos, durante a Guerra da Coreia]

Quigley - O homem como animal inferior justifica despotismo.

[Forma B] «*Instead of seeing man as a creature midway between animal and God, and thus capable of an infinite variety of experience, [the] twentieth-century moved downward from the late nineteenth century's view of man as simply a higher animal to [the]view of man as lower than any [other] animal. From this has emerged the Puritan view of man (but without the Puritan view of God) as a creature of total depravity in a deterministic universe without hope of any redemption.*

This point of view, which, in the period 1550-1650, justified despotism in a Puritan context, now may be used, to justify a new despotism of compulsory conformity»

Carroll Quigley (1966), Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time.

Webster Tarpley – Oligarquia depende de crença na divisão entre 'elite' e 'massa'

(**WT2 – 29:05**) The mentality of oligarchy always depends on the idea that there's an elite and a mass. No room for a middle class or anything else in between. So, the elite has to justify itself, based on what? Why should they rule? Are they better, are they smarter, are they more efficient? They're probably none of those things, they're probably inferior, in many ways. So they've got to find other ways to justify what is an irrational principle of domination. So oligarchs generally find ways to argue that the mass of people are inferior, that their lifes aren't worth living, and indeed that they're closer to animals than they are to the elite. So, whenever you have an oligarchical elite, they're always going to try to portray the masses as ignorant beasts, inferior, or whatever else it is.

Sociedade humana deriva para Babel oligárquica, mas fixismo é sempre desfeito.

<u>Oligarquia é uma tirania colectiva coesa, difícil de derrubar</u>. As oligarquias são tiranias colectivas mas, ao contrário do tirano individual, são difíceis de derrubar, pela coesão que está inerente à estrutura em si.

<u>Tendência societal geral para deriva oligárquica, o governo da fratria, sistema de duas classes</u>. Todas as sociedades humanas têm uma tendência natural para derivar para oligarquismo. O padrão societal mais comum ao longo da história é aquele no qual a larga maioria da população acaba por ser dominada por uma fratria, pela qual o poder é exercido e partilhado em conjunto – i.e., oligarquia. Logo, a tendência natural em cada sociedade é a de haver uma divisão entre governantes e governados. A tendência é a de que oligarquia consolide progressivamente mais o seu poder ao longo do tempo, e que o faça pela emiseração e desempoderamento do resto da

sociedade. Eventualmente, a sociedade adquire a configuração de um sistema de duas classes, com essa estratificação a ser generalizável aos vários domínios da actividade humana.

Oligarcas procuram congelar sociedade, construir Babel unida por "slime". A oligarquia vai, por natureza, procurar estabilizar o sistema, por forma a congelar a sociedade no tempo e nesta configuração. É um exercício de corrupção humana, pelo qual os oligarcas procuram construir a sua pequena Torre de Babel e assumir-se como deuses terrenos. Os tijolos desta Torre são as massas humanas regimentadas, mantidas "coesas" por meio do mais baixo betume (ou "slime", em inglês, na KJV): consenso compulsivo, obscurantismo intelectual, força e brutalidade, congelamento económico, e por aí fora.

Criador nega estática – Natureza é dinâmica – Fixismos oligárquicos colapsam. Porém, o Criador não gosta de exercícios arbitrários e petulantes de poder, e ordenou a Sua criação de um modo dinâmico e inímico a estas configurações. Num mundo que está vivo, *nenhum sistema é estático*; e, mesmo quando *parece* que o é (sociedade Védica, Egipto, Babilónia), isso não dura muito tempo. Existem sempre factores que desestabilizam e evntualmente destroem o sistema oligárquico. Um desses factores é a emergência de classes intermédias. Outro são invasões externas. Outro ainda, é a incompetência da própria oligarquia; por norma, uma oligarquia suga todo o sangue do sistema até já não restar nada e, aí, ou consegue ganhar mais tempo através de fenómenos como expansão, ou acaba por morrer em conjunto com o sistema que vitima. Outro, claro, são catástrofes naturais, súbitas ou prolongadas ao longo do tempo. Isto para mencionar apenas os mais óbvios.

II. Oligarquia: sociedade, economia, imperialismo, globalização

Poder pelo poder, lei arbitrária, feudalismo e imperialismo.

A oligarquia é o modelo imperial típico na história humana. Todos os sistema imperiais na história humana são sistemas mais ou menos oligárquicos. Ou seja, o império é a propriedade pessoal colectiva de uma oligarquia, ou de uma oligarquia controlando um imperador. Este sistema de coisas é conhecido desde o tempo de Sócrates como o modelo oligárquico. A configuração mais habitual é a do imperador-tirano que é largamente (senão totalmente) dominado pela sua oligarquia de suporte (por ex., corte imperial). Este é o modelo babilónico, egípcio, chinês e, em várias instâncias, o modelo Romano. Por vezes, o poder pode ser exercido apenas por uma oligarquia, sem a presença de um imperador (por ex., o modelo Veneziano, ou ainda o tipo de situações que foram historicamente habituais em sítios como China, Japão, ou

Egipto, em períodos de transição entre dinastias imperiais – por vezes, décadas ou séculos). O modelo feudal medieval é igualmente uma expressão disto; seja nas instâncias em que o poder é detido pelo círculo de "irmãos", ou nas instâncias em que a oligarquia coexiste com, e influencia/domina o Imperador ou o Papa. No nosso tempo, no mundo ocidental com a neo-feudalização do poder, voltamos a este modelo, após um interregno parcial providenciado pela ascensão dos estados-nação constitucionais e liberal-democráticos.

Estado como propriedade pessoal da oligarquia. Sob oligarquia, o "estado" é sempre encarado no sentido que lhe era commumente dado até aos séculos 15/16: como um "estado privado", uma "propriedade", um "território dominado", algo cujo sentido é preservado na palavra inglesa "estate", de onde, aliás, deriva "state". Ou seja, o estado é implicitamente a propriedade pessoal do governo oligárquico. Os oligarcas estão acima dos súbditos (usam-nos para seu bel prazer) e, especialmente, acima das leis e regulações que lhes impõem.

Lei como "razão de estado" – utilitarismo, pragmatismo e criminalidade organizada. A lei é definida como "razão de estado" ["reason of state"], onde quem manda no governo simplesmente legisla todos os abusos que pretenda perpetrar sobre a população – são "necessários", por um ou outro motivo arbitrário. Regra geral, os critérios de legislação sob oligarquias são meras considerações de "utilidade" e "pragmatismo", i.e., exercícios arbitrários de poder, com o objectivo de expeditar a obtenção de mais poder efectivo pelo sistema oligárquico.

O exemplo dos actuais "estatutos de emergência": saquear economia, conter população. Temos uma boa demonstração deste princípio no actual sistema de "leis de emergência", um tipo de sistema legal com o seu precedente nas décadas de 20 e 30, sob os regimes Fascistas europeus. Sob "legislação de emergência", o sistema oligárquico pode implementar todo o tipo de abusos que quiser, evitando bloqueios constitucionais e democráticos: é uma forma de codificar funcionamento arbitrário ditatorial *de facto*. Na situação actual, como nos anos 20 e 30, isso serve para essencialmente saquear as economias em prol da alta finança, ao mesmo tempo que a população é mantida sob contenção, durante o seu processo de emiseramento e destruição sócio-económica.

Poder pelo poder – Fases de expansão e contracção.

Inversão sociopática da realidade: "eu agrido para proteger".

O propósito de poder arbitrário é a obtenção de mais poder arbitrário.

A "neverending story" de absorção, saque e procura de mais e mais poder. O grupo oligárquico pode tentar justificar o seu próprio exercício de poder arbitrário com um qualquer mythos auto-justificatório, e é possível, até provável, que os seus membros se deixem persuadir ou se auto-persuadam da veracidade desse mythos. É possível que sejam invocados motivos como a

“segurança pública”, ou “o bem comum”; regra geral o denominador comum em todas as linhas de justificação é a necessidade de “proteger”, de alguma forma, os alvos do exercício de poder arbitrário. É a mais típica inversão sociopática da realidade: “eu agrido para proteger”. Porém, uma oligarquia realmente honesta e auto-consciente da sua real natureza sabe perfeitamente que a única razão que subjaz ao exercício arbitrário de poder é a obtenção de mais poder, colectivamente exercido e partilhado. A oligarquia não obtém poder para melhorar o mundo. Obtém poder para ter mais poder, e mais poder – e mais poder.

Após a expansão vem a contracção. Isto funciona até ao ponto em que, por um motivo ou por outro, não seja possível obter mais poder no mundo exterior – essa é a altura gloriosa na qual a oligarquia se auto-destrói: a procura de poder é virada para o interior e resulta na destruição de muitos dos membros e, por vezes, da própria estrutura. Este é o processo clássico da purga partidária interna, dos julgamentos fictícios para burocratas inócuos, e do Gulag para centenas de milhares de informantes e colaboradores. Nestes casos, o que acontece é que o sistema oligárquico totalitário não descansa quando eliminou toda a dissidência externa; tem agora de inventar dissidência interna, e descobre-a, tão seguramente como a noite sucede ao dia. É a altura em que qualquer palavra dita fora de contexto, qualquer esgar mal interpretado, qualquer saudação mal feita, resultam no inquérito interno, no julgamento por falta de ortodoxia, no trabalho forçado e na execução política.

Huxley, Russell, Darwin: “Governância global oligárquica implica destruição universal”. É por conhecerem bem este processo que pessoas como Aldous Huxley, Bertrand Russell e Charles Galton Darwin estavam tão inquietos com a seguinte questão: quando houver finalmente um sistema de governância global totalitária sobre todos os assuntos do planeta, o que é que vai impedir a Oligarquia governante de se auto-destruir em guerras palacianas e, finalmente, em guerra global generalizada? Russell sugeriu que essa auto-destruição era o resultado inevitável do processo. Talvez numa alusão às suas próprias carências pessoais, bastante significativas e profundas, intimou que o resultado de um reino global oligárquico de ódio e auto-destruição seria, esperançosamente, a redescoberta do amor.

A sociedade é o domínio feudal; a população é a massa servil. A visão oligárquica da vida humana e do seu valor, depende da visão oligárquica do que é a sociedade no seu todo.

As oligarquias vêm a sociedade e a economia como feudos privados. Pela sua própria natureza psicossociológica colectiva, é inevitável que uma oligarquia se auto-conceptualize como sendo o centro de uma realidade na qual o mundo exterior existe como uma fonte de recursos, gratificação, mais-valias e engrandecimento para a irmandade colectiva da oligarquia. As estruturas sócio-económicas que são entendidas como estando colocadas abaixo da oligarquia (sob a sua dependência, a seu serviço), são vistas como sendo domínios privados da mesma, feudos particulares, colectivamente partilhados entre oligarcas. Se a oligarquia tiver poder sobre

toda uma sociedade, o resultado disto é o de que a sociedade é vista como um sistema cujo único propósito é o de servir os mestres feudalistas oligárquicos. Ou seja, a sociedade oligárquica configura sempre um regime de oligarcas, por oligarcas, para oligarcas.

A economia oligárquica é tendencialmente contraccionária. As oligarquias tratam a sociedade e a economia como os seus próprios feudos de classe. Portanto, o que fazem é regimentá-las e torná-las previsíveis, contidas e fechadas. Quando aqui se menciona "contenção" ou "fechamento" não se está a falar de espaços geográficos: aliás, um dos sistemas favoritos de qualquer oligarquia é precisamente "free trade". Fronteiras abertas significam salários baixos, protecção laboral zero, critérios de produção ao nível da plantação de escravos na Índia Britânica. Esse é o benchmark histórico para "free trade", a par e passo das plantações de algodão da Confederação, ou das docas de escravos do Império Fenício. Pelo contrário, o "fechamento" e "contenção" que a oligarquia impõe ao ambiente sócio-económico referem-se a dois vectores diferentes:

Ambiente psico-cultural mediocrizado. Todos os agentes sócio-económicos têm de aceitar subordinação ao sistema oligárquico (à Besta, na prática) e todos têm de ser encaixados nesse sistema de um modo previsível, predeterminado, previamente planeado. A consequência disto é a de que o espaço para inovação intelectual, comercial ou tecnológica torna-se progressivamente mais reduzido, à medida que o sistema se torna cada vez mais oligárquico.

Ambiente económico: consolidação, contracção, subprodução, estagnação. Uma oligarquia organiza sempre um sistema de consórcios, cartéis intercomunicantes entre si, monopólios. O estado oligárquico, por sua vez, funciona como um facilitador para estes interesses. Toda a economia é subordinada aos mesmos, e isso significa que capitalismo descentralizado de classe média é banido; podem restar algumas franchises, subordinadas a um grande grupo, mas é tudo. Capitalismo industrial também é largamente banido, com a destruição da diversidade de mercado. O que fica é produção física restrita a um conjunto muito limitado de entidades e, regra geral, especulação como forma de obter mais-valias a partir de valores ilusórios, ou da liquidação geral da sociedade; hoje, como na Itália do século 12. Ou seja, uma economia subprodutiva e estacionária que, mais cedo ou mais tarde, se torna pura e simplesmente contraccionária. A única forma de evitar contracção é pela exploração de novos mercados, se estes estiverem disponíveis.

Saquear o mundo implica contracção, tensão permanente, controlo. Tudo isto faz parte da necessidade que a estrutura oligárquica tem, não apenas de saquear o mundo em volta, como também de controlar o público e mantê-lo dependente e previsível. Por isso mesmo, o ambiente geral de controlo sócio-político e económico que é gerado por oligarquias é sempre acompanhado de emiseramento geral e da imposição de escassez artificial de produção (e, consequentemente, de empregos, rendimentos, crescimento económico) – isto é uma forma de assegurar que a economia e a sociedade são mantidas sob tensão e controlo permanentes.

Saque e contracção: O pretexto ecológico.

[*OU Criaturas lineares ocupam demasiado espaço e têm de pagar taxas à mãe-Terra@City*]

Precedentes: Darwinismo social britânico, exterminismo bolchevique, genocidalismo nazi. Uma das formas oligárquicas tradicionais de racionalizar o ódio e o desprezo que sentem pelos "inferiores", bem como a necessidade de os saquear, emiserar, manter sob dependência e controlo, é o pretexto ecológico. Isto vem directamente do culto eugénico britânico (Malthus, Spencer, Galton e outros), é passado para o culto de exterminismo bolchevique (que inclui, em vários casos, o pretexto ambiental – havia que deslocalizar e exterminar populações inteiras para estabelecer reservas naturais) e passa para o III Reich, expresso na sua ânsia de reestabelecer a ordem feudal da Germania medieval, na qual o pequeno Hansel e a pequena Gretel saltitam pela relva, afagam os coelhos, dizem olá ao Junker local, e atiram uma pedra à cabeça do Judeu que passa.

Hoje: eco-extremismo, contracção carbónica, pós-industrialismo. Hoje em dia esta visão cadavérica, parasítica, cientificamente incompetente, é ressuscitada na forma de eco-extremismo e eco-terrorismo: a ideia de que os humanos não valem mais do que animais – talvez até valham *menos* que animais – e que toda e qualquer iniciativa para melhorar a qualidade de vida material humana é um atentado contra a mãe-natureza. A forma de resolver isso é contrair drasticamente a civilização pós-industrial (o ocidente já não tem uma civilização industrial, só tem automóveis e aviões), fazendo-o por meio de sistemas inerentemente corruptos de contracção da produção e de taxação ubíqua do consumo. A supervisionar o processo e a recolher as mais valias dos novos derivativos carbónicos, a City of London e feudos piráticos associados.

Contracção e Convergência (C&C) – ONU, A21. Esta visão é bem expressa no paradigma escolhido para a implementação de sustentabilidade global: Contracção e Convergência, ou C&C. Esta é a ideia que guiou os vários tratados de sustentabilidade desde a Rio Earth Summit (1992), que estabelece o plano de estandardização global de comunidades, economias e gestão de recursos e pessoas – Agenda 21. Sob C&C, as economias do 1º mundo têm de ser drasticamente contraídas (Contracção), o mundo subdesenvolvido fica mais ou menos ao patamar onde está e, no final, todos nos encontramos nesse patamar comum e feliz (Convergência). É isso que é a Aldeia Global – uma aldeia de lama.

Actividade humana é poluição, excepto quando é actividade oligárquica.

A vanguarda ambiental é virtuosa – o exemplo de Simon Linnett. Toda a retórica ambiental pós-moderna, uma criação de especialistas de relações públicas e fundações *tax-free*, depende, uma vez mais, da distinção artificiosa entre *vanguarda* e *massas*. Existe uma vanguarda que é virtuosa, lê o Ecologist, participa no COP/UN, investe em activos carbónicos na City. Essa vanguarda anda bastante de avião, é conduzida em bons automóveis pagos/subsidiados pelo público e não está sujeita a qualquer medida de austeridade. É bem tipificada por Simon Linnett, o director executivo da Rothschild Firm em Londres, que colaborou no desenho do plano cap-

and-trade para a UE, e exige a redução compulsiva da população humana global por meio da imposição artificial de condições depressionárias.

A pessoa média é poluente e tem de aprender a gostar de colateralizar os derivativos da City. Esta vanguarda surge por contraposição à pessoa média, que é ambientalmente egoísta (usa electricidade, toma banho e não faz carpooling), cresceu num ambiente cultural bourgeois que incentivou esse egoísmo, e está, genericamente, mal habituada. Essa pessoa tem de ser ensinada a ser austera, a poupar e a contribuir mais para a mãe-Terra (na forma de sistemas fiscais confiscatórios, como taxas verdes, que existem com o propósito de colateralizar dívidas derivativas nos mercados financeiros).

CO2 e massas humanas poluem – SO2 chinês não – OPT e a monetização de bebés. As massas são sujas e poluidoras, actividade humana é poluição. CO2 ocidental é poluição; SO2 chinês não o é. Ter um bebé é uma actividade ambientalmente questionável, uma vez que cada vida humana acarreta o ónus de mais poluição e exploração de recursos. Como a Optimum Population Trust do Príncipe Carlos deixa bem claro, bebés são máquinas de carbono. Há que taxar a natalidade através de licenças verdes, indexadas ao mercado de derivativos. O teu bebé acabou de ser monetizado e tornado verde; a cor do dólar.

Oligarquias vêem-se a si mesmas como gestoras de gado humano. Uma oligarquia vê-se sempre como sendo uma classe gestora de gado humano. Uma herdade precisa de ser bem controlada. Há que colocar as cercas, marcar o gado, conhecer bem cada cabeça de gado, controlar o nascimento de novas rezes, extrair rendimentos (tosquia, carne, leite, manteiga e por aí fora) e, eventualmente, reduzir a população quando o gado se torna demasiado numeroso.

"Excesso de gado é um problema terrível" – expressão natural de incompetência oligárquica. Este último ponto leva a que um dos temas historicamente favoritos das oligarquias seja o de "excesso de população". Existe sempre "excesso de população", na óptica de uma oligarquia, da Antiguidade clássica à era pós-moderna. Isto é algo que expressa bem o furor genocida que é inevitável a esta forma de organização humana. Sendo incompetente, i.e., não tendo flexibilidade intelectual colectiva para encontrar novas e melhores soluções, uma oligarquia fica sempre aterrorizada quando vê "excesso de gado" à sua volta.

Thomas Malthus: saque e genocídio económico. Portanto, inventa falsos académicos como o Rev. Thomas Malthus, o apologista de saque e genocídio científico para a Coroa britânica. Malthus inventou a ideia de que a taxa de crescimento de população é sempre maior que a taxa de produção de comida. A solução para este (falso) problema não era desenvolver novas e melhores tecnologias, ou instituir melhores sistemas de uso das tecnologias existentes. Era, pelo contrário, reduzir a população. Para isso, era necessário instituir sistemas de saque, contracção económica, darwinismo social, e até formas de guerra biológica (como construir habitações para pobres junto de pântanos).

Mathus, o ideólogo de genocídio para Índia, Grã-Bretanha, Irlanda. Malthus foi o ideólogo pessoal do saque das Índias britânicas (1M de mortos) e da abolição da Poor Law em Inglaterra (um mínimo de 1M de mortos ao longo de várias décadas). A sua herança resultou, em meados do século 19, na "fome da batata" na Irlanda, na verdade, o resultado de vários anos de confiscação forçada de produção, lei marcial, e expulsão de camponeses das suas terras e imposição de enclosures (5M de mortos).

Herança maltusiana: bolchevismo, nazismo, 3º mundismo ONU. A sua herança intelectual também inclui conceitos "científicos" bolcheviques (proporção população/hectares de terra/recursos), que serviram para racionalizar muitos actos de genocídio na Rússia rural; contribuiu decisivamente para a noção nazi de Lebensraum; para as políticas ONU/FMI/Banco Mundial no 3º mundo.

Neo-maltusianismo – contracção económica, austeridade, darwinismo social. O fantasma purulento do velho clérigo é, também, um dos motores essenciais do actual eco-extremismo. Existe demasiada população, é preciso reduzir a população. Não por novas e melhores tecnologias, ou por melhor aproveitamente das tecnologias existentes. Mas sim por contracção económica, austeridade, darwinismo social. Esta é a essência do neo-maltusianismo. O Reverendo aprovaria.

Globalização: uma tradição obscurantista e oligárquica.

<u>A neverending story da absorção de poder alimenta imperialismo [DNA oligárquico]</u>. A dinâmica de poder do sistema oligárquico visa, como exposto, obter mais e mais poder, colectivamente exercido e partilhado. Esta é a "neverending story"; enquanto existir algo de valor no mundo em volta, a estrutura oligárquica vai persistir na sua saga de cooptação, conquista, saque, absorção. Ao mesmo tempo, vai encontrar formas especiosas mas aparentemente plausíveis (para o público e para si mesma) de racionalização dessa saga interminável de absorção. Todos os impérios humanos surgem a partir dessa necessidade de expandir o poder oligárquico e, em breve, o propósito de todos eles é, invariavelmente, uma ou outra forma de hegemonia mundial. Isso é uma consequência natural da própria psicodinâmica colectiva oligárquica, mas é justo afirmar que também é algo que é proporcionado pelas circunstâncias materiais criadas pela oligarquia. Dada a incompetência que está inscrita no DNA deste tipo de estrutura, o império é sempre uma entidade subdesenvolvida, insolvente, caótica, onde a obtenção de mais-valias é, portanto, obtida a partir de mais e mais saque em terras ainda não-conquistadas.

<u>O caso canibalístico do Império Chinês – absorção auto-dirigida</u>. Na história, existe um único império que nunca entrou nesta dinâmica de expansão e saque contínuo *para fora*, ao longo de uma longa história de 3000 anos – o Império Chinês. As oligarquias chinesas depressa chegaram à conclusão que sair para fora de território rodeado por cadeias montanhosas e desertos seria

imprudente, caro e militarmente perigoso, e era mais vantajoso obter o máximo possível de mais-valias em *meio doméstico*. Dado que a China foi quase sempre dominada por estas estruturas oligárquicas, medíocres, essa obtenção de mais-valias raramente foi procurada através de desenvolvimento económico ou tecnológico; pelo contrário, o mecanismo aqui era controlo totalitário interno, saque interno, destruição interna. O Império Chinês é o primeiro império ultra-burocrático e realmente totalitário da história; mas, ao mesmo tempo, tem várias fases apenas comparáveis com a queda do Império Romano/saques bárbaros/queda drástica de população. O Império Chinês é o mais antigo da história, e o mais insular de todos, mas aquele com uma maior história de convulsões políticas e genocídios internos – isto já descontando a influência de potências estrangeiras, como os Mongóis. Foi preciso que o Império Chinês ganhasse um carácter europeizado para se começar a envolver nesta dinâmica de expansão infinita – na valência económica, mas também na valência territorial – Sudeste Asiático, Sibéria, África, são os alvos que estão a ser trabalhados neste preciso instante. O período de caos e genocídio que vai da queda de Chiang kai-Chek à revolução cultural é apenas um mero dejá vu, na história chinesa. O período totalitário actual é outro dejá vu. A quebra e partição do estado comunista chinês, no futuro não tão distante, será ainda outro dejá vu, acompanhado de mais uma fase de morticínio e caos na terra-mãe (numa altura em que muito do poder agregado da China actual já terá sido colocado offshore).

<u>Globalização: um projecto antigo, bafiento, inumano/oligárquico</u>.

Dinâmica de absorção constante alimenta ambições regionais, globais. A dinâmica de absorção e saque constante que a estrutura oligárquica impõe aos sistemas imperiais é aquilo que leva à praxis de “governo continental” ou “regional”, e ao “sonho” (na prática, pesadelo) de globalização, “governância global”, “governo mundial”: império global. Este é o velho sonho babilónico, grego, romano, medieval/feudal, romântico-feudal, e por aí fora.

Versões antigas mais honestas que versão actual [definida por advogados e especialistas RP]. As versões antigas eram bastante honestas: a ideia expressa era a de conquista e supremacia. A versão actual é bastante mais cínica e surge como um anjo de luz, com conversa platitudinal sobre “organizar o mundo”, “paz mundial”, “amor universal” e por aí fora. Isto reflecte o próprio carácter da oligarquia iniciadora: as anteriores eram, regra geral, oligarquias com carácter mais ou menos militar; as actuais estão sedeadas em quadros executivos, escritórios de advogados, e gabinetes de relações públicas.

<u>O novo utopianismo é o retorno a imperialismo/abandono do estado-nação renascentista</u>. Este velho e perverso esquema de ideias, sobre “governo mundial”, “união das nações” é o novo utopianismo, o novo projecto de reconstrução e progresso, e que isso seja assim é trágico. É a forma pela qual os inimigos do estado-nação soberano estão determinados a degradar a existência humana pelo planeta fora, tão rapidamente quanto possível. Globalização hoje, “governância mundial”, “governo mundial”, significam o regresso ao velho e pervertido sistema

imperial que dominou as instituições políticas, legais e sociais europeias sob o império romano e sob feudalismo medieval.

III. Oligarquia, recursos humanos e instrução para os nódulos na rede

RH, AH, CH: Princípios básicos de forma(ta)ção.

Sob oligarquismo, educação nunca é educação [Homework: Don't worry, be happy and numb].

Educação implica desenvolvimento pessoal – oligarquismo exige estagnação e mediocridade. Sob, uma oligarquia, "educação" nunca é educação, na medida em que o real significado de educação é o de dotar o indivíduo de capacidades cognitivas e intelectuais para acção auto-determinada num mundo de expansão e possibilidades abertas. O conceito de educação, enquanto conceito humanista (aqui falamos de real humanismo, renascentista, e não dos simulacros neo-feudais que surgem a partir do século 20) que é, está sempre ligado às restantes variáveis que caracterizam uma sociedade alicerçada em princípios humanistas: liberdade individual, constitucionalismo, expansão económica. Uma oligarquia não tolera a existência desses predicados. Como mencionado, vê a sociedade como o seu feudo privado, um sistema fechado e circular, a gerir, conter e controlar. Portanto, toda e qualquer ideia de liberdade, justiça ou crescimento económico que esteja fora do seu controlo, está fora de questão – apesar de esta terminologia poder ser usada (e é) na qualidade de slogans, para efeitos propagandísticos – a inversão da realidade típica em sistemas oligárquicos.

Sistema educacional oligárquico forma(ta) animais humanos para funcionalismo. Sob um sistema oligárquico, "educação" é a valência que prepara os súbditos para serviço na economia feudal auto-contida, no sistema gerido e supervisionado. É o processo pelo qual os animais humanos podem ser tornados úteis, através de treino. Portanto, é antes uma forma de treino/aprendizagem/forma(ta)ção, que visa especializar o estudante para uma vaga pré-existente na economia controlada – i.e., para funcionalismo, e não para empreendedorismo ou independência intelectual.

Ultra-especialização, amoralidade, consensualização, servilização. Portanto, vai sempre centrar-se em conteúdos especializados, compartimentalizados, insulados ("saber um módico profissionalmente desejável sobre praticamente nada"), por oposição à transmissão de conhecimento sólido e todo-abrangente, e do incentivo à capacidade de pensar por si mesmo. Vai concentrar-se em produzir amoralidade, ou moralidade contextual – i.e., "eu faço tudo aquilo que

quiser desde que seja autorizado pelo patrão ou pela comunidade" – uma vez que isto serve para destruir relações humanas na sociedade, quebrar laços de confiança, e criar funcionalismo moral, e todos estes predicados são desejáveis para a oligarquia. Vai colocar uma importância obsessiva e excessiva em factores conativos/personalísticos: existe um Idealtypen de súbdito feudal, e esse Idealtypen é consensual, acrítico, politicamente apático, "easy-going", facilmente satisfeito, facilmente influenciável. Por outras palavras, o papel do indivíduo nesse sistema de treino/aprendizagem é o de ser imbecilizado e servilizado, pré-ajustado ao estatuto de RH/AH/CH mencionado no ponto seguinte.

RH, AH, CH.

Sob oligarquismo, todos são recursos, a ser moldados para operação na máquina social. Sob uma economia oligárquica, um trabalhador (qualquer pessoa) é inevitavelmente visto como propriedade da classe oligárquica e, portanto, já não como um ser humano, mas sim como um recurso, um valor capital, um activo de carteira. Um recurso humano (RH), um activo humano (AH), capital humano (CH). Um bem como outro qualquer, uma comodidade humana, om um determinado software instalado num dado hardware, algo de adquirível, moldável, descartável, que pode, por exemplo, receber upgrades [forma(ta)ção] por forma a adquirir mais valor de mercado. Na economia oligárquica, o trabalhador é sempre um funcionário, nunca um empreendedor – e, se o conseguir ser, é porque a economia ainda não é oligárquica o suficiente.

A força de trabalho global para o século 21.

Nódulos ambivalentes na rede sócio-económica. Na economia oligárquica globalizada do século 21, o RH/AH/CH tem de ser um produto auto-consciente. É um nódulo na grande rede social, algo que age e é agido, algo que observa e é observado, que gere os seus instrumentos de trabalho e é, por sua vez, gerido como o instrumento de trabalho de outrém.

Flexíveis, descartáveis, despersonalizados – em fluxo permanente. Mais importante, tem de vender (um produto, uma imagem, uma ideia) e aceitar ser vendido – tem de ser tão flexível, facilmente adaptável e ajustável como o pedaço de plástico descartável ao qual é equiparado no mercado de derivativos. Portanto, tem de ser funcionalmente flexível mas, mais importante que isso, moralmente flexível. O capital humano do século 21 é um objecto de transações étereas em fluxo permanente. Esse fluxo permanente implica que esse capital não se pode dar ao luxo de ter uma identidade própria. É um valor transaccionado entre várias mãos, de contexto para contexto, de função para função, de sistema de crenças para sistema de crenças, de sistema moral para sistema moral. Tal como George Washington perde a sua personalidade a partir do momento em que é estampado numa nota verde, o mesmo acontece com o denizen do século 21, a partir do momento em que se torna um RH activo e funcional da força de trabalho global. E esta é a forma como se trafica nas almas dos homens. E, eventualmente, a alma é detachada do sujeito, que passa a ser só corpo, organismo. É isso que acontece sob fluxo permanente.

Desindividuados, fragmentados, desencontrados, sensacionalizados – sem alma. Para que o sujeito médio se adapte a essa mutilação funcional permanente da sua própria identidade há, por necessidade, que reduzi-lo a um mínimo denominador comum de actividade biopsicossociológica: sobrevivência, procura de prazer, evitamento da dor, e relações paliativas e pragmaticamente eficientes (consensuais) com os restantes denizens processados; todas estas coisas têm de ser impostas como os novos valores supremos. A pessoa tem, portanto, de ser reduzida ao estado existencial de que Martin Heidegger falou: um pedaço de carne e nervos em puro fluxo acidental pelas condições temporárias e contextuais do mundo tecnocrático em redor. Em tal mundo, tudo o que é de valor tem de apelar à sensação, ao inebriamento dos sentidos de uma individualidade desindividuada, fragmentada, desencontrada; a alma tem de ser banida, nesse mundo.

As oligarquias precisam de classes especializadas coadjuvantes.

Oligarquias são demasiado incompetentes para organizar sistemas sócio-económicos. Como mencionado atrás, é um tropismo que uma oligarquia seja uma entidade medíocre, nos domínios moral, intelectual, e comportamental. Uma entidade deste género não está capacitada a organizar uma estrutura sócio-económica abaixo de si – é demasiado incompetente para o fazer.

Precisam de técnicos e intelectuais. Portanto, as oligarquias contam sempre com a assistência de multitudes de capatazes, técnicos, especialistas, i.e., pessoas que mantêm *alguma forma* de princípio da realidade (mesmo que parcial e ultra-especializado) e estão, dessa forma, aptos a ser os organizadores técnicos da estrutura social oligárquica. Pode ainda existir uma classe intelectual que, embora oligárquica em natureza é, porém, mais "liberta" que a média: ou seja, intelectuais estritamente obedientes à Oligarquia, humanamente medíocres, mas aos quais é estimulado que usufruam de uma actividade intelectual muito acima da média, na estrutura oligárquica. São pessoas que têm de conseguir operar em puro doublethink: têm, por exemplo, de ser capazes de planear do modo mais intelectualmente honesto que possível um projecto que sabem, à partida, ser um projecto falhado, porque baseado em premissas falaciosas.

O exemplo paradigmático do establishment britânico. Os britânicos, por exemplo, cultivam activamente uma classe deste género desde os tempos de John Dee: o principal viveiro é Cambridge, e esta classe inclui os grandes tecnocratas do Império, como Arnold Toynbee, Bertrand Russell ou Julian Huxley. Aliás, só a invulgar psicose do establishment britânico poderia produzir um homem como Bertrand Russell: um génio, um ser humano interessante, um escritor fascinante e, no final de contas, um ser humano monstruoso e execrável. O Império Britânico é, aliás, instrutivo em todo o cenário aqui representado: o núcleo oligárquico essencial é composto por tolos agremiados (o aristocrata imperial médio, como Philip ou Charles); depois, existe uma classe de intelectuais sofisticados e planeadores de longo termo (os círculos de

Cambridge e alguns círculos de Oxford); depois, a classe de técnicos e especialistas (cultivada em sítios como Oxford ou a LSE).

O particular da formatação mental sob Socialismo.

Socialismo é um sistema oligárquico. Visa a organização plena, total (totalitária) de toda a sociedade, sob o comando de uma oligarquia (aqui conhecida como vanguarda). O conceito de Socialismo surge com o "cercle" do Conde de Saint-Simon, no início do século 19, como uma tentativa de combater as reformas modernistas através da reedição aperfeiçoada do sistema compacto e organizado da era medieval (a inspiração de Saint-Simon para este exercício foi Carlos Magno e o seu sistema de integração de todos os domínios da vida no mesmo sistema feudal/imperial). Ao longo da história dos últimos 200 anos, Socialismo adquiriu várias formas. Algumas são nacionalistas, i.e., o sistema total é imposto ao nível nacional e depois exportado por conquista imperial: a isto, chamamos Fascismo ou Nacional-Socialismo. Outras formas são Internacional-Socialistas, visando a internacionalização/globalização do sistema totalitário. Muito poucas diferenças existem entre cada forma – o sistema, os métodos e os objectivos finais são os mesmos. Regra geral, a diferença essencial é que Socialistas de direita usa motivos nacionalistas/raciais, ao passo que Socialistas de esquerda falam de "irmandade universal", "pontes de cooperação entre povos" e outras platitudes deste género.

Sob Socialismo, o indivíduo é convertido a *gostar* de ser a peça na máquina. A teoria Socialista, como explicada por Saint-Simon ou Karl Marx, começa por exigir a total conformidade do indivíduo ao aparato ideológico da comunidade, conforme definido pelos engenheiros sociais que gerem a máquina social. Mas mera conformidade não basta; é preciso conversão completa. O propósito é o de assegurar a regimentação psicológica da sociedade – não basta ter obediência ao sistema Social, é preciso *amá-lo*.

A peça-na-máquina é formatada durante toda a vida para a sua função na colmeia Social. A sociedade Socialista é a sociedade totalmente organizada: tudo é arrumado, catalogado, gerido, planeado em avanço [é isso que significa "socialismo científico"]. Isto inclui a própria composição cognitiva e conativa dos denizens. Cada denizen socialista tem de pensar da forma desejada, ver o mundo de forma adequada, albergar um conjunto desejável de crenças [hoje em dia, "memes"], e sentir de uma forma pré-concebida. Sob Socialismo [regimentação total da sociedade, seja sob socialismo de esquerda ou de direita – fascismo], o estado total assume o direito e o dever de regular opiniões, pensamentos, sentimentos. Todos os cidadãos têm de ter o *software* mental [encarado enquanto tal] adequado para funcionalismo na economia planeada estacionária. I.e., um engenheiro *pensará* e *sentirá* como é útil e pragmático que um engenheiro *pense e sinta*; e existem moldes de formatação específicos para essas coisas. Daí o investimento em massa em formação, doutrinação, média, engenharia social que caracteriza qualquer sistema Socialista. Um sistema deste género pode não ter produção real, mas tem sempre inúmeros

“especialistas educacionais e psicológicos” preparados a exercer funções de “formação”, “comissariado psicológico”, “reeducação”. O indivíduo é, portanto, formatado, catalogado, acompanhado, corrigido, para ajustamento sócio-económico adequado à sociedade Totalitária. Esse esforço é realizado durante toda a vida, do berço à cova, e hoje em dia, a Unesco chama a esse exercício “lifelong education” ou, noutras instâncias, e de modo mais apropriado, “lifelong training” – estamos a falar de “training”, algo que se faz com animais, e não de educação.

<u>“Emancipação” marxiana, a conformidade compulsiva da comuna medieval</u>. A tudo isto, Marx chamou “emancipação”: o conjunto de circunstâncias pelas quais o indivíduo é despido da sua individualidade e coagido (o elemento de coerção social é essencial em Marx) a ser reeducado e “psicologicamente integrado” na Sociedade, o colectivo unitário Social. Com este truque retórico tipicamente dialéctico, Marx procura destruir e inverter a 180º o real significado de emancipação, i.e., o acto pelo qual o indivíduo se liberta de coerção socialmente imposta. “Emancipação” marxiana é apenas e somente o retorno à conformidade compulsiva da comuna medieval.

<u>Funções de formatação e engenharia social</u>. Por virtude do destaque que atribui à vida mental dos seus súbditos, o sistema Socialista investe em doutrinação de massa tanto como desinveste em produção real – a sociedade Socialista tem o mínimo exigido de fábricas, mas nunca lhe faltam “centros de formação”, “centros psicológicos”, “departamentos de educação”, i.e., centros especializados em forma(ta)ção, despersonalização, reeducação [lavagem cerebral]; bem como os exércitos de “especialistas sociais” que são necessários para operar essas funções.

<u>Formação vs Educação</u>. A sociedade Socialista não tem *educação*, per se, no real sentido de uma actividade que visa estimular o máximo desenvolvimento cognitivo individual para acção individual num mundo de expansão e possibilidades abertas. Tem *formação*, que é algo muito diferente, uma função que visa formatar o indivíduo para funcionalismo despersonalizante na economia planeada estacionária.

<u>IV. Proposta legal para gincana oligárquica</u>

“Nunca digas nunca” e uma pequena gincana de grupo para círculos oligárquicos.

<u>Desconfirmar o “não farás”, cometer crimes e “curar a culpa”</u>. Uma oligarquia genuína tem ódio à ideia de “não farás”, lei natural, porque a aliena do seu impulso para cometer crimes. Portanto, quebra o “não farás”, mas sempre com a noção de que isso é um acto degradante. Muita da actividade mental destas pessoas reside na anulação de sentimentos de culpa pelos crimes

cometidos, por meio de racionalizações especiosas e afins (“curar a culpa”). Existem mini-indústrias inteiras para este efeito, em meios oligárquicos.

Misery loves company and likes fallen angels. Misery loves company e oligarcas tipicamente precisam de provar que todos são tão baixos como eles próprios, dando-se a esforços impressionantes no sentido de fazer a pessoa boa, capaz e moral *cair* (a imagética do anjo caído, que os próprios oligarcas aplicam a si mesmos, em certas culturas oligárquicas).

“Não farás”, “nunca farei”, é o ponto focal de provocação.

“Nunca digas nunca” – se o fizeres, provocas-nos. Para isso o ponto focal de Rift que utilizam, para fazer a pessoa cair, é tentar desafiar os seus “não farás”, os seus “nunca farei” ---- “nunca digas nunca” é um dito oligárquico, que significa que o dizer “nunca farei” é considerado um desafio para um jogo no qual a oligarquia tentará provar que, sob as condições certas, a pessoa capitulará e quebrará a regra. O grau de excitação com este tipo de vapidez é tanto maior se o “nunca” vier de lei natural explícita, i.e. se for um preceito de acção moral válido e humanitário, prescrito pelo próprio Criador.

Uma pequena actividade para bandos oligárquicos. Tendo em vista isto, aqui está uma pequena gincana que será divertida de fazer, com oligarcas. Um oligarca tem, por força (é uma obrigação legal), de subscrever às seguintes afirmações:

- “Nunca quebrarei o círculo”

- “Nunca quebrarei os laços de fidelidade com a organização”

- “Nunca deixarei de ser um irmão/irmã para os meus irmãos/irmãs”

- “Nunca colocarei os interesses do público acima dos interesses da fraternidade”

- “Nunca deixarei de subordinar a minha individualidade e a minha consciência às regras do grupo”

Responsabilidade legal.

Oligarcas legalmente compelidos a vários “nunca farei” – e a desconfirmar “nunca farei”. Agora, existe aqui algo como responsabilidade legal. Um sistema oligárquico é um sistema legal, forçado a existir e a funcionar pelas suas próprias regras. Oligarcas são legalmente obrigados a dizer e a acreditar nas afirmações anteriores, tal como são legalmente obrigados a tentar desconfirmar pessoas que façam afirmações de princípio com base em “nunca farei”, quaisquer que elas sejam. Esta é uma pequena e interessante actividade de grupo, à qual nenhum círculo oligárquico se pode negar. It’s on, go for it boys and girls.

<u>TECNOCRACIA – Homem novo, sociedade-máquina, Coutrot, Vichy</u>.

Tecnocracia.

<u>Pessimismo dos 30s – apelo a ordem, organização, força colectiva</u>. Os 30s são um período de pessimismo, marcado por estagnação económica, melancolia e desesperança. Possibilitam a ascensão de novos paradigmas centrados em força e ordem: força colectiva, ordenação e "racionalização" dos fenómenos sócio-económicos.

<u>Tecnocracia: França (X-Crise, CEPH, etc)</u>. Emergência, durante os 30s, de grupos de engenheiros-economistas, com epicentros de operações no instituto X-Crise e no CEPH, entre outros.

<u>Tecnocracia: EUA (Technocracy Inc, Brain Trust)</u>. Com a Technocracy Inc. e a Brain Trust de FDR.

Tecnocracia – Sociedade planeada, o sistema-máquina-organismo.

<u>A sociedade planeada, por especialistas, técnicos, engenheiros</u>.

<u>Planificada e totalitária – terceira via a comunismo e fascismo</u>. Tão totalitária como fascismo e comunismo, mas melhor e mais aperfeiçoada.

<u>"Planismo", "engenharia administrativa"</u>. Em França, fala-se de "planisme".

<u>Engenheiros-organizadores: económicos, sociais, humanos</u>. O engenheiro como solucionador todo-o-terreno. Nesta fase, o papel do engenheiro estava a ser redefinido, da fábrica para a economia e para a sociedade em geral. A ideia do engenheiro como solucionador de problemas técnicos, sociais e económicos; a fronteira entre questões técnicas e questões sociais e humanas tornou-se difusa.

Tecnocracia – Anti-parlamentarismo e autoritarismo.

<u>Anti-parlamentarismo, gestão tecnocrática</u>. Substituir política e procedimentos constitucionais e democráticos com gestão tecnocrática e "positiva". O Parlamento até poderia continuar, mas tornar-se-ia largamente cerimonial. Tudo isto resulta de demagogia anti-parlamentar durante os 30s.

<u>Rejeição de "política", "conflitos ideológicos estéreis", debate "metafísico"</u>. Como Comte teria dito.

Censura, “informação positiva” [Saint-Simon e Comte]. Deriva do pensamento destes dois homens, que deploravam a “anarquia” em assuntos intelectuais, jornalísticos, científicos. Disseram que, quando a sociocracia-tecnocracia-socialismo chegasse ao poder, imporia ordem, e as autoridades declarariam a versão certa, apropriada, “positiva”, para todos os assuntos – “Informação positiva”.

Tecnocracia – Humanismo científico e o homem novo.

Humanismo científico: engenharia humana, o “homem novo”.

Engenharia de nova sociedade, com nova cultura, e novo denizen. O homem teria de ser adaptado, ajustado, à nova cultura sintética. A engenharia de uma nova cultura, e a engenharia de um novo homem, ajustado a essa nova cultura.

Engenharia mental e psicossocial a larga escala.

O meio seria alterado, bem como a cultura.

Eficiência psicológica total – fusão do indivíduo com função [castas].

Triagens psicológicas para desenvolvimento de carreira, natalidade, etc.

Doutrinação permanente – educação e média. Controlo estatal de maternidade e desenvolvimento infantil – incluíndo doutrinação. A educação já não estaria nas mãos da família. Doutrinação permanente através de meios de comunicação.

Eugenia.

Selecção. Dos “melhores” espécimens humanos.

“Melhoramento” contínuo, trans-geracional, da biologia humana.

Controlo estrito de hábitos de consumo [nutrição, etc]. Incluíndo proibição de produtos como o tabaco.

Organização por castas funcionais especializadas – pessoa fundida com função. Onde cada homem é seleccionado e treinado para cumprir uma função como peça na máquina. A pessoa é fundida com a função.

Austeridade. A pessoa iria contentar-se com “viver dentro dos seus meios”.

Ajustamento social, fusão “espiritual” no colectivo [emancipação marxiana]. A visão de um novo humanismo científico enfatizava a relação entre o indivíduo e o colectivo, e a necessidade de promover a emancipação marxiana do indivíduo, i.e., a sua fusão no colectivo – realização “espiritual”. Na prática, estamos a falar de um homem espiritual e intelectualmente muito pobre, e controlado em todos os aspectos da sua vida.

Tecnocracia – <u>Humanismo científico</u> e o homem novo – Coutrot e Arthus.

<u>Jean Coutrot, Henri Arthus, o CEPH e o IPSA</u>.

<u>O CEPH e o "Homme nouveau"</u>. Este era o projecto da recriação do homem como «Homme nouveau». O objectivo declarado do CEPH era o de promover a evolução «*de[s] types humains aussi supérieurs à ceux que nous représentons, que nous sommes nous-mêmes supérieurs (et je ne crois pas qu'on me chicane beaucoup sur l'épithète) aux hommes de Chelles ou de Néanderthal*».

<u>Coutrot pretendia uma classe de engenheiros humanos</u>. Coutrot expressou estas perspectivas planistas e tecnocráticas com o seu "humanismo científico", onde falou da implementação de uma ciência de tecnocratização da vida humana per se, conduzida por engenheiros-organizadores, «*ingénieur ès sciences de l'homme*»

<u>Henri Arthus e o IPSA – O bom denizen industrial</u>. O CEPH era, portanto, bastante devotado à ideia de criar o homem novo, e um dos grupos mais activos no CEPH era o Groupe d'études psycho-biologiques. A este grupo, foi adicionado um Instituto de Psicologia Aplicada, em 1938. Um dos colegas de Coutrot no CEPH foi o Dr. Henri Arthus, psicólogo, que se torna director do Instituto de Psicologia Aplicada (IPSA) do CEPH. Arthus estava interessado nas aplicações industriais da psicologia.

<u>Arthus e o IPSA – Reeducação, fundir pessoa com função</u>. A ambição de Arthus e dos restantes fundadores do IPSA era a de desenvolver novos métodos de reeducar o trabalhador.

Métodos incluíndo técnicas psicotécnicas e psicanalíticas.

Emancipar ser humano, tornando-o numa besta de carga – "esforço total", fusão. Arthus viu nos conflitos internos do ser humano a essência da alienação e a raíz do conflito social, e isso levou-o à conclusão de que a cura para a alienação residia no estado de unidade que reina nos momentos de esforço total. Neste sentido, o método que Arthus desenvolveu consistia na demanda por eficiência psicológica total, uma eficiência que iria resultar em harmonia interior, mas também com a eliminação de conflito social e a maximização da produtividade – a pessoa seria fundida com a função.

Adaptação e canalização de energias totalmente para o trabalho. O método consistia em desenvolver capacidades de adaptação, e em canalizar todas as energias mentais disponíveis para o trabalho. Ao fazer isso, o homem moderno iria recuperar a mestria que lhe tinha sido retirada pela máquina [e estaria ele próprio em harmonia com a máquina, como um bom andróide biológico].

Arthus – "Taylorismo psicológico" – transformar indivíduo em bio-andróide. Arthus pretendia, aliás, usar isto como Taylorismo psicológico, ir para além do que o Taylorismo tinha implementado. Argumentou que a limitação essencial do Taylorismo era a de que era um processo externo, e o progresso estaria em internalizá-lo na mente individual: «*Tout cela [le taylorisme] est fort bien, mais se passe hors de l'individu*

auquel on donne connaissance des découvertes que l'on vient de faire, et auquel on demande de faire mieux, en s'appliquant à exécuter les mouvements 'à la façon de l'habile homme'. Ici commence, en fait, notre tâche à nous, qui vous proposons des principes d'amélioration individuelle des facultés physiques et mentales»

Tecnocracia – Jean Coutrot, o CEPH e colaboracionismo Vichy.

Trabalho para o governo francês – organização científica do trabalho. Coutrot trabalhou para o governo francês para a racionalização da economia nacional, através do Centre national de l'organisation scientifique du travail (COST), estabelecido sob os auspícios do Ministère de l'economie nationale.

Colaboração em vários periódicos. Escreveu para magazines e jornais como a Plans, La nouvelle revue française, La grande revue, La République, Chantiers coopératifs.

Tecnocracia.

Socialista, tecnocrata, fascista – Saint-Simoniano. Coutrot pode ser denominado como socialista, tecnocrata, Fascista – todos estes epítetos encontram a sua fundação comum na mais apropriada das denominações, Saint-Simoniano.

Planeamento tecnocrático, racionalização, "pensamento colectivo" [think-tanks]. O propósito de Jean Coutrot era o de desenvolver aquilo a que chamava de "humanismo económico", através de "pensamento colectivo", planeamento e tecnocracia. No seu livro de 1936, L'humanisme économique, Coutrot argumentou pela reorganização da economia por peritos, no interesse das necessidades humanas. Coutrot explicou a um correspondente em 1939 que «*C'est aux ingénieurs, aujourd'hui, qu'il incombe de construire des sociétés meilleures, car ce sont eux et non les juristes ou les hommes politiques qui détiennent les méthodes nécessaires*». Falou também da necessidade por «*une rationalisation universelle et non limitée aux problèmes de la production*»

Rendimento mínimo. Anteviu um sistema que seria mais eficiente, e que garantiria a toda a gente um rendimento mínimo garantido, pago por salários ou por pensões familiares.

CEPH – Centre d'études des problèmes humains. Coutrot procurou lançar as fundações para a concretização da sua visão através do estabelecimento do interdisciplinar CEPH.

Reuniões sobre "ciência do homem". O centro existiu entre 1936 e 1939, período durante o qual organizou algumas reuniões sobre a "ciência do homem", na Abadia de Pontigny.

Aldous Huxley, Teilhard du Chardin, Alexis Carrel, etc. Entre os participantes destas conferências encontramos pessoas como Aldous Huxley, Le Corbusier, Teilhard du Chardin, Robert Aron, e André Siegfried. Os patronos do CEPH incluíram Aldous Huxley, Alexis Carrel, o historiador de arte Henri Focillon, e o economista suiço

Georges Guillaume. Estes homens eram membros do comité executivo do Centro, ao lado de Coutrot.

Trabalho com Vichy – Fascismo como oportunidade para tecnocracia. Em 1940, Coutrot sentiu que a França estava face a face com uma oportunidade histórica, um momento particularmente propício para a realização das suas ideias. Portanto, ofereceu-se para colaborar com o État français, de Vichy e da Frente Popular. O regime fascista seria ideal para a implementação da tecnocracia.

ALEX ABELLA – Tecnocracia – Utilitarismo.

(**AA – 38:00**) Nunca existe uma bússola moral. (**31:00**) Apenas raciocínios de utilidade.

(**AA – 43:30**) O público é visto como peões, a ser guiados pelos tecnocratas. "São os tecnocratas, e os tecnocratas governarão o mundo, porque têm a razão do seu lado".

<u>HERBERT HOOVER</u>.

HERBERT HOOVER – O papel do Estado na economia.

<u>Existem três alternativas</u>.

Não-regulação.

Negócios regulados pelo governo – o sistema Americano.

Corporativismo, como o New Deal, inspirado em Fascismo e Socialismo.

«*We have three alternatives. **First**: Unregulated business. **Second**: Government-regulated business, which I believe is the American System. **Third**: Government-dictated business, whether by dictation to business or by government in business. This is the New Deal choice. These ideas are dipped from cauldrons of European Fascism or Socialism*»

Herbert Hoover (1952). "The Memoirs of Herbert Hoover: The Great Depression, 1929-1941". NY: The MacMillan Company.

HERBERT HOOVER – "Economia Planeada" – New Deal.

<u>"Economia Planeada" – Uma emanação de Fascismo, Comunismo e Socialismo</u>.

Popularizada por Mussolini.

Governo por execução e ditado, centralização de poder.

Adoptada por Roosevelt, New Deal.

"An attempt to cross-breed Socialism, Fascism, and Free Enterprise".

«*During Roosevelt's first eight years the guiding phrases of the New Deal were not "Communism," "Socialism," and "Fascism," but "Planned Economy." This expression was an emanation from the caldrons of all three European collectivist forms. The phrase first popularized by Mussolini, and often mouthed by the Communists and the Socialists, was itself a typical collectivist torture of meaning. It was not a blueprint, but a disguise. It meant governmental execution and dictation. Ever since George Washington we have planned, with changing times, the necessary development of government within the limits of freedom. Our public schools, public works, safeguards to health, conservation, reclamation of the desert, creation of parks, highways, the beautification of cities, regulatory laws, and standards of conduct were proofs. By a series of invasions of the judicial and legislative arms and the independence of the*

states, accompanied by such measures as managed currency, government operation of some industries and dictation to others, "Planned Economy" quickly developed as a centralization of power in the hands of the President, administered and perpetuated by an enormous Federal bureaucracy. It was an attempt to cross-breed Socialism, Fascism, and Free Enterprise»

Herbert Hoover (1952). “The Memoirs of Herbert Hoover: The Great Depression, 1929-1941”. NY: The MacMillan Company.

JB PRIESTLEY (1949) – Celebra dominação do indivíduo por políticos e burocratas. Em 1949, o guru socialista JB Priestley celebrava o facto de que «*the area of our lives under our own control is shrinking rapidly… politicians and senior civil servants are beginning to decide how the rest of us shall live*».

LAWLER & MCCONKEY – Era pós-democrática, organizacional – Pessoas como RH.

Vida actual dominada por corporações e burocracias gigantes.

Pessoas tornam-se instrumentos organizacionais. A vida actual é dominada por «*large corporate enterprises*», onde as pessoas cedem «*power to vast organizations*», uma era de «*giant corporations and huge bureaucracies*», «*the "post-democratic age"*». «*People can be so organized by technological and bureaucratic organizations… that they become tools rather than masters of them*».

[**Original**] «*The production of wealth also requires* ***large corporate enterprises*** *whose ability to manufacture goods is increased by economies of scale. These huge entities are needed to satisfy the material desires of the many. At the same time, large bureaucracies are required to administer the programs needed for a comfortable life. In ceding power to vast organizations as a way of satisfying human needs, most people lose the ability to control their own futures. One of Shibumi's characters calls the era of giant corporations and huge bureaucracies that is, our time – the "post-democratic age"… People can be so organized by technological and bureaucratic organizations, hallmarks of Western culture, that they become tools rather than masters of them*»

Peter Augustine Lawler, Dale McConkey (2001). Faith, reason, and political life today. Lexington Books.

MANDELSON – "We are now living in the post-democratic age".

"A era da democracia acabou". «*The age of democracy is over. We are now in the post-democratic age*».

O ex-comissário europeu. Peter Mandelson disse que

"Estou a gerir a Grã-Bretanha da piscina Rothschild". Isto é dito pelo homem que, a certa altura, declarou que estava a gerir a Grã-Bretanha a partir da piscina de Rothschild em França.

QUIGLEY – Aristocracia americana, sistema bipartidário.

Aristocracia americana, organizada em famílias, e não indivíduos.

Estão acima dos partidos e jogam a dialéctica.

Ambos os partidos devem ser quase idênticos, exceptuando em pequenos detalhes.

[**Edit**] «*In America, as elsewhere, aristocracy represents money and position grown old, and is organized in terms of families rather than of individuals… [They are] above parties, and [practice] the political techniques of William C. Whitney and J. P. Morgan… The argument that the two parties should represent opposed ideals and policies, one, perhaps, of the Right and the other of the Left, is [to them] a foolish idea acceptable only to doctrinaire and academic thinkers. Instead the two parties should be almost identical, so that the people can 'throw the rascals out' at any election without leading to any profound or extensive shifts in policy*» Carroll Quigley (1966), Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time.

QUIGLEY – Morgan e a utilização dos partidos.

Morgan via os partidos como meras organizações a utilizar.

A firma manteve sempre um pé em todos os campos.

«*To Morgan all political parties were simply organizations to be used, and the firm always was careful to keep a foot in all camps. Morgan himself, Dwight Morrow, and other partners were allied with Republicans; Russell C. Leffingwell was allied with the Democrats; Grayson Murphy was allied with the extreme Right; and Thomas W. Lamont was allied with the Left*» Carroll Quigley (1966), Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time.

QUIGLEY – Tecnocracia e bipartidarismo.

O perito substitui o eleitor, planeamento substitui laissez-faire.

Esperançosamente, escolha continuará a existir, entre dois partidos.

Porém, liberdade e escolha serão muito limitadas.

«*In the twentieth century, the expert will replace ... the democratic voter in control of the political system. This is because planning will inevitably replace laissez faire. Hopefully, the elements of choice and freedom may survive for the ordinary individual in that he may be free to make a choice between two opposing political groups (even if these groups have little policy choice. But, in general, his freedom and choice will be controlled within very narrow alternatives…*»

Carroll Quigley (1966), Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time. (p.633)

QUIGLEY – Bestialização e despotismo – Homens como insectos sociais.

Quigley – Homens como insectos sociais.

Para indivíduo se subordinar a processo de grupo rígido, tem de copiar insectos sociais.

Estas criaturas já elevaram este método a um elevado grau de perfeição.

[**Edit**] *«If the individual is to be subordinated to a rigid group process, then man must yield to those forms of life, such as the social insects, which have already carried this method to a high degree of perfection»* Carroll Quigley (1966), Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time.

Quigley – Visão bestializada do homem justifica despotismo.

Século XX rejeita visão do homem como a meio caminho entre Deus e animal.

Substitui-a por visão bestializada, onde homem é inferior a um animal.

Daqui surge uma visão puritana do homem.

No passado, isto deu origem a despotismo.

No futuro, um sistema despótico de conformidade compulsiva, por força.

Exemplificado pelo 1984 de Orwell e pela Alemanha Nazi.

«*Instead of seeing man the way the tradition of the Greeks and of the West regarded him, as a creature midway between animal and God, "a little lower than the angels?" and thus capable of an infinite variety of experience, [the] twentieth-century… [has] completed the revolt against the middle classes by moving downward from the late nineteenth century's view of man as simply a higher animal to… [the] view of man as lower than any animal would naturally descend. From this has emerged the Puritan view of man (but without the Puritan view of God) as a creature of total depravity in a deterministic universe without hope of any redemption. This point of view, which, in the period 1550-1650, justified despotism in a Puritan context, now may be used, with petty-bourgeois support, to justify a new despotism to preserve, by force instead of conviction, petty-bourgeois values in a system of compulsory conformity. George Orwell's 1984 has given us the picture of this system as Hitler's Germany showed us its practical operation*» Carroll Quigley (1966), Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time.

QUIGLEY – Convergência Laissez Faire, Fascismo, Comunismo.

Guerra Fria – Convergência política entre EUA e URSS.

Laissez faire, fascismo e comunismo combinados num Sistema Comum.

EUA oferecem liberdade e aumento do nível de vida.

URSS oferecia métodos de obter bens que sufocam liberdades e níveis de vida.

O "net result" é a convergência entre três sistemas, para um sistema futuro.

[**Edit**] «*Another significant element in this complex picture is the convergence toward parallel paths of the United States and the Soviet Union…* (p. 875) *Laissez Faire, Fascism and Communism Combined into a Common System… The United States… offered the goods the new peoples wanted (rising standards of living and freedom)… the Soviet Union… seemed to offer methods of getting these goods (by state accumulation of capital, government direction of the utilization of economic resources, and centralized methods of over-all social planning) which might tend to smother these goals. The net result of all this has been a convergence of [these] systems toward a common system of the future*» (p.410) Carroll Quigley (1966), Tragedy and Hope: A History of the World in our Time

[**Original**] «*Another significant element in this complex picture is the convergence toward parallel paths of the United States and the Soviet Union*» (p.875)

«*Laissez Faire, Fascism and Communism Combined into a Common System… This almost simultaneous failure of ... economic Fascism, and of Communism to satisfy the growing popular demand both for rising standards of living and for spiritual liberty has forced the mid-twentieth century to seek some new economic organization.*

This demand has been intensified by the arrival on the scene of new peoples, new nations, and new tribes who by their demands for these same goods have shown their growing awareness of the problems, and their determination to do something about them. As this new group of underdeveloped peoples look about, they have been struck by the conflicting claims of the two great super-Powers, the United States and the Soviet Union. The former offered the goods the new peoples wanted (rising standards of living and freedom), while the latter seemed to offer methods of getting these goods (by state accumulation of capital, government direction of the utilization of economic resources, and centralized methods of over-all social planning) which might tend to smother these goals. The net result of all this has been a convergence of all three systems toward a common, if remote, system of the future» (p.410) Carroll Quigley (1966), Tragedy and Hope: A History of the World in our Time

ROBERT CORFE – Era pós-democrática – Fascismo.

Era pós-democrática – o poder como fim em si mesmo.

Obter concórdia social [fascismo], persuadir massas de que ainda têm democracia. Por exemplo, Robert Corfe, o ideólogo, diz-nos que estamos numa «*post-democratic age*», na qual «*power as an end in itself*». O grande desafio da era, diz-nos o autor, é o de encontrar formas de obter obter concórdia social e de fazer as massas acreditar que ainda vivem sob alguma forma de democracia, «*concord of society but also to justice understood as democracy*».

[**Original**] «*But in the post-democratic age something more is needed than simply the justification of power as an end in itself. In the absence of invoking moral force as a starting point for political first principles, since the former lead invariably into dark cul-de-sacs and are self-defeating, structural forms need to be devised based on objective sociological criteria, which not merely contribute to the concord of society but also to justice understood as democracy. As demonstrated below, it is impossible to conceive these objective structural forms through an appeal to right or wrong, or through the ordinary conflict of vested interests which are promoted (as we have said) through the overlay of moral values. This is because the latter, as we shall show, always leads to disequilibrium in society*»

Robert Corfe (2008). Social Capitalism in Theory and Practice: The people's capitalism. Arena books.

RUSSELL (1953) – Democracia liberta pressão sem mudanças reais.

Um mero paliativo – temporário – para homens combativos. Russell fala do modo como a democracia dá chances de libertar pressão, sem realmente mudar significativamente as coisas. Em vez de revolta, ou revolução violenta, «*If you hate socialism or capitalism... you can make election speeches, or, if that doesn't satisfy you, get yourself elected to Parliament. So long as the old Liberal freedoms survive, you can engage in propaganda for whatever excites you. Such activities suffice to satisfy most men's combative instincts*» Bertrand Russell (1953), "The Impact of Science on Society". Simon & Schuster, Inc.

WATT – Governância significa tecnocracia.

Treinados a aceitar governo por técnicos, cientistas, profissionais.

(**AWsa – 00:48**) Estamos a ser treinados, de um modo muito óbvio, a aceitar ser governados por técnicos, cientistas, profissionais, e é a isso que se referem quando falam de governância.